



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
DO PORTO

Fabília Cristina Abreu Spencer

ANÁLISE AO DESENHO DO QUARTO DE HOTEL

Trabalho realizado sob a orientação do

Prof. Doutor António Sérgio Koch de Araújo e Silva

Dezembro 2019



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
DO PORTO

Fabília Cristina Abreu Spencer

ANÁLISE AO DESENHO DO QUARTO DE HOTEL

Tese de Mestrado em Arquitetura

Tese defendida em provas públicas na Universidade
Lusófona do Porto, no dia 16/12/2019 perante o júri
seguinte:

Presidente: Prof. Doutor Pedro Cândido Almeida D'Eça Ramalho

Arguente: Prof^a. Doutora Edite Maria Figueiredo Rosa

Orientador: Prof. Doutor António Sérgio Koch de Araújo e Silva

Dezembro 2019

É autorizada a reprodução integral desta tese/dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a minha família por todo o amor e carinho que me deram ao longo de todos estes anos, e pelo apoio incondicional e o esforço que fizeram para que eu pudesse concluir mais esta etapa da minha vida.

Agradeço ao meu orientador, o Prof. Doutor António Sérgio Koch de Araújo e Silva pelo apoio, disponibilidade e motivação durante a realização deste trabalho, sem as quais não seria possível obter este resultado.

Agradeço aos docentes do Mestrado Integrado em Arquitetura, pelo conhecimento passado ao longo destes anos, que contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

E por fim gostaria de agradecer aos meus colegas de curso, pela amizade e pelo apoio durante estes 5 anos de curso.

A todos um muito obrigado.

Resumo

A presente dissertação tem por objetivo o estudo do desenvolvimento e funcionamento dos quartos dos Hotéis, tendo como suporte o trabalho desenvolvido na cadeira de Projeto do 5º ano, sobre a criação de um hotel na Avenida da Boa Vista, cidade do Porto. Para isto, a dissertação será dividida em sete capítulos, trabalhando em cada um deles num conjunto de aspetos que melhor ajudem a explicar o tema.

No primeiro capítulo será realizada a Introdução explicando a escolha do tema, os objetivos e as abordagens adotadas ao longo do desenvolvimento do trabalho.

De seguida é realizada uma Reflexão Teórica trabalhando no conceito do tema abordado, enquadrando os diferentes tipos de quartos, apresentando referências arquitetónicas que ajudem a fazer ligação com o projeto desenvolvido.

Posteriormente é realizada uma Análise das Referências, baseando no estudo dos quartos do Sanatório de Paimio de Alvar Aalto, do Youth Hotel de Yoshinobu Ashihara, do SAS Hotel de Arne Jacobsen e o Hotel Intercontinental, Frankfurt de Otto Apel e Hannsgeorg Arquitetos, e Gilbert Becker engenheiro, o que facilitará a Análise Comparativa com o projeto no ponto seguinte.

Numa quinta fase é realizada uma Análise do Local e da sua evolução, recorrendo a desenhos e mapas existentes, seguida pela Memória Descritiva que consiste na análise aprofundada do projeto. Por fim é feita as Considerações Finais, onde será resumido o que foi tratado ao longo do trabalho, e que conclusões pode-se tirar do mesmo.

Abstract

This dissertation aims to study the development and operation of the hotel rooms, supported by the work developed in the 5th grade Project chair, about the creation of a hotel in Avenida da Boa Vista, Porto city. For this, the dissertation will be divided into seven chapters, working in each of them in a set of aspects that best help to explain the theme.

In the first chapter will be introduced the Introduction explaining the choice of the theme, the objectives and the approaches adopted along the development of the work.

Then, a Theoretical Reflection is performed working on the concept of the theme, framing the different types of rooms, presenting architectural references that help to make connection with the developed project.

Subsequently, an analysis of the references is made, based on the study of the rooms of Alvar Aalto's Paimio Sanatorium, Yoshinobu Ashihara's Youth Hotel, Arne Jacobsen's SAS Hotel and the Intercontinental Hotel, Frankfurt by Otto Apel and Hannsgeorg Architects. , and engineer Gilbert Becker, which will facilitate Comparative Analysis with the project in the next section.

In a fifth phase, an Analysis of the Site and its evolution is carried out, using existing designs and maps, followed by the Descriptive Memory, which consists of the in-depth analysis of the project. Finally, the Final Considerations are made, which will summarize what was discussed throughout the work, and what conclusions can be drawn from it.

Keyword: Hotel, Room, Avenida da Boavista, Alvar Aalto

Índice

Agradecimento-----	II
Resumo-----	III
Abstract-----	IV
Capítulo I – Introdução-----	2
Capítulo II – Reflexão Teórica-----	4
2.1- Conceito-----	5
2.2- Enquadramento Tipológico-----	6
2.3- Referências Arquitetónicas-----	9
Capítulo III – Análise das Referências Arquitetónicas-----	10
Sanatório de Paimio, Alvar Aalto-----	11
Youth Hotel, Yoshinobu Ashihara-----	17
SAS, Arne Jacobsen-----	20
Hotel Intercontinental, Otto Apel e Hannsgeorg Arquitetos, e Gilbert Becker engenheiro-----	28
Capítulo IV – Análise Comparativa-----	33
Capítulo V – Análise do Lugar-----	43
5.1- História e Evolução da Avenida da Boavista-----	44
5.2- Análise do Nó Rodoviário do Foco-----	53
5.3- Análise Crítica-----	58
Capítulo VI – Memória Descritiva-----	60
Considerações Finais-----	70
Bibliografia-----	71
Índice de Imagem -----	72
Anexos-----	79

Capítulo I

Introdução

O turismo tem-se tornado num setor estratégico cada vez mais importante para o desenvolvimento económico do país, transformando a hotelaria numa área cada vez mais imponente, tendo a necessidade de aumentar o nível de serviço e qualidade, de modo a satisfazer os hóspedes.

Dormir e comer fora de casa tornaram-se formas típicas de vida dos nossos tempos, resultado do aumento da mobilidade e também do crescimento do número de horas livres, convertendo para muitas pessoas a estadia em hotéis numa necessidade, tornando-se assim o hotel num substituto de suas casas.

Tendo em conta a necessidade de transformar o hotel no lar temporário de muitas pessoas, o quarto como elemento chave passa a ser concebido de forma a satisfazer esta necessidade, considerando o tipo de clientes que se pretende atrair e a região. Sendo este uma peça chave dos hotéis, a presente dissertação surge com o propósito de estudar o processo de desenvolvimento dos mesmos, tendo como base o trabalho desenvolvido na cadeira de Projeto do 5º ano, sobre a criação de um hotel na Avenida da Boa Vista. O objetivo desta dissertação é de estudar a composição e funcionamento dos quartos, através da análise ao seu desenho e do seu processo de desenvolvimento e transformação, com base na recolha de informações sobre o tema, onde pode-se notar ser um assunto pouco abordado apresentando uma certa escassez de informação.

A metodologia adotada baseia-se no estudo das informações recolhidas, identificando os diferentes modelos de quartos, a sua evolução e variação de acordo com o tipo de hotel, uma análise comparativa entre os modelos identificando as diferenças/semelhanças e as características fundamentais para o funcionamento de um quarto de hotel.

O trabalho encontra-se estruturado de modo a demonstrar o processo evolutivo dos quartos com base nos exemplos apresentados, cruzando estas informações entre si, e demonstrando como isso afeta o projeto.

Capítulo II
Reflexão Teórica

2.1 Conceito

Ao longo dos anos tem havido um crescimento significativo nos hotéis em todo o mundo, resultante do aumento dos turistas que conseqüentemente aumentou o nível de exigência dos hotéis. O hotel passa a ser definido como um espaço de representação pública a nível estético e social, oferecendo mais do que acomodações confortáveis e padronizadas, disponibilizando espaços únicos para viver e observar.

Sendo um edifício complexo de múltiplas funções, circuitos e espaços, é normalmente caracterizado tendo em conta o mercado alvo, a localização, o sistema de estrelas, e o número/tamanho dos quartos.

Tamanho e número de quartos	<ul style="list-style-type: none">- Abaixo de 200 quartos- 200 a 399 quartos- 400 a 700 quartos- Mais de 700 quartos
Mercado Alvo	<ul style="list-style-type: none">- Hotel de Negócios- Hotel de Aeroportos- Hotel Suite- Hotel para Estadias Prolongadas- Apartamentos- Hotel Resort- Cama e Café /Alojamento/ Residenciais- Timeshare/Aluguel de Temporada- Hotel Casino- Conferências e Centro de Convenções
Nível de Serviço	<ul style="list-style-type: none">- Serviço de classe mundial- Serviço médio- Serviço limitado/ poupança
Propriedades e Afiliações	<ul style="list-style-type: none">- Hotéis independentes- Hotéis de Serviço Médio- Cadeia de Hotéis

Tabela 1 - Classificação do Hotel

Atualmente tornou-se mais difícil de classificá-los, pois os projetos passaram a ser influenciados por diversos fatores, como a função, tamanho e local, orçamento e leis, sendo o único tipo claramente definido o hotel de luxo internacional (hotel de negócios).

2.2 Enquadramento Tipológico

No seu livro “Building, Planning and Design Standards”, Harold Sleeper divide os padrões de dimensão do quarto, incluindo a casa de banho, em 3 medidas:

- Medida mínima: 21 m², profundidade 5,50 m, largura 3,80 m
- Medida média: 26 m², profundidade 6,55 m, largura 4,05 m
- Medida de luxo: 32 m², profundidade 7,15 m, largura 4,75m.

Independente desses padrões, um quarto de hotel deve incluir na sua área limitada tudo que possibilite ao hospede realizar todas as atividades que não possa fazer nas áreas comuns do hotel.

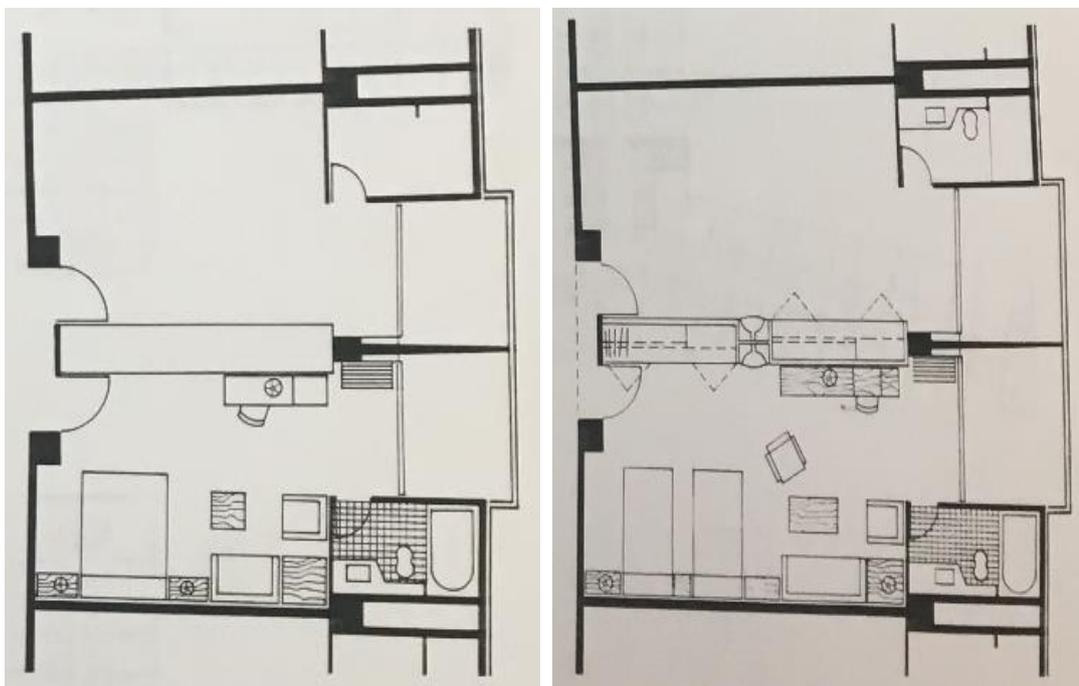


Figura 1 - Century Plaza Hotel, Los Angeles, Califórnia

Os quartos dos hotéis de acordo com cada padrão podem ser classificados por:

- quarto de solteiro, que é destinado a uma pessoa com uma cama de solteiro.
- quarto duplo solteiro (twin room), com 2 camas de solteiro destinadas a duas pessoas, podendo ser também utilizado para quarto triplo, quadruplo, etc., que ofereça uma maior quantidade de camas.
- quarto de casal, também destinado a duas pessoas, mas com uma cama de casal.

- quarto dormitório, que oferece várias camas, normalmente beliches, encontrados geralmente nos hostels e são mais baratos que os tradicionais.

- suite, são quartos que oferecem para além da área do quarto, uma sala de estar e em alguns casos uma pequena kitchenette.

Atualmente muitos hotéis oferecem quartos de casal, que possam ser convertidas em quartos duplos.

Um quarto standard de hotel, normalmente tem um hall de entrada que funciona como uma área de distribuição, dando acesso a casa de banho e a área do quarto. Este tipo de organização permite estabelecer uma medida mínima a cada quarto, e uma economia de espaço que depois é repetido como uma serie de unidades pelo edifício.



Figura 2 - Quarto padrão do Hotel Viena Intercontinental, Carl Appel

Um hotel normalmente segue um padrão funcional semelhante de planta dos quartos, que são projetados como uma serie repetitiva de unidades iguais ou semelhantes. A planta dos quartos pode ser de várias formas, criando uma sensação de separação entre a área de dormir e estar.

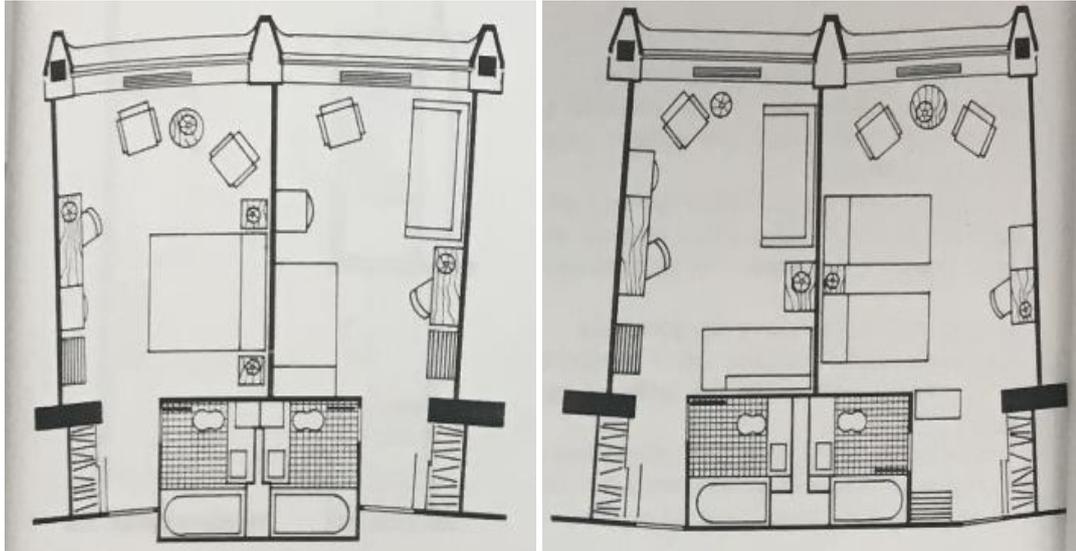


Figura 3 - Quartos standard do Hotel Hilton em Washington, do arquiteto William B. Tabler

Portas de ligação entre os quartos são encontrados com frequência nos novos hotéis em todo o mundo, tendo a vantagem de formar suítes com maior flexibilidade, porém tem a desvantagem da falta de privacidade e um desconforto devido a transmissão de ruído.

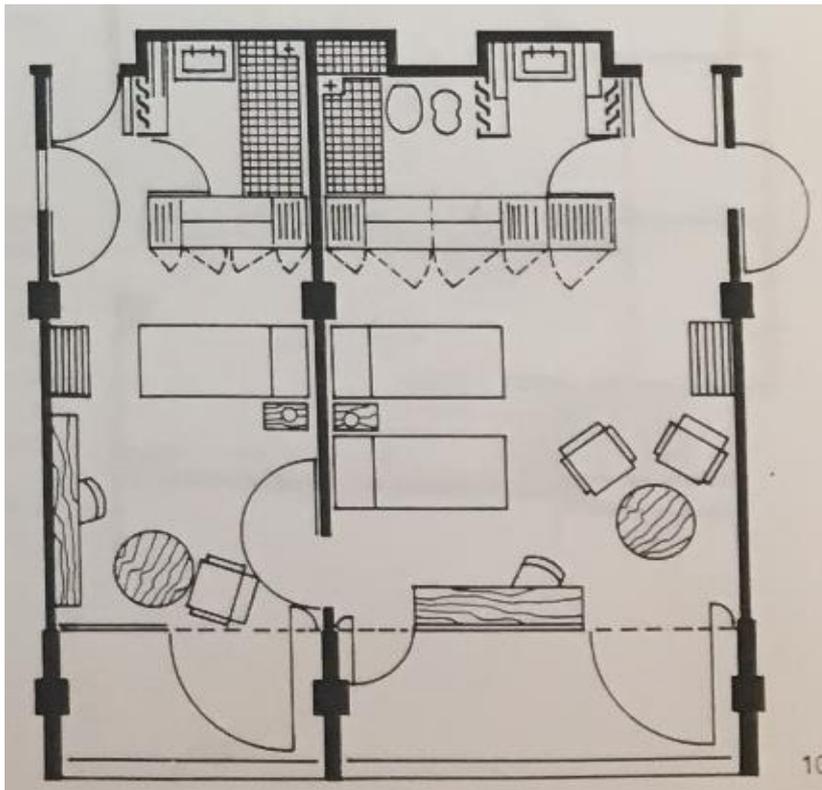


Figura 4 - Planta de um quarto de solteiro e um quarto duplo no Hotel de França, Conacri dos arquitetos Lagneau, Weill, Dimitrijevic e Associados

2.3 Referências Arquitetônicas

De modo a perceber melhor as variações no desenho dos quartos, foram escolhidos 4 casos de estudo que ajudam a perceber de forma prática o desenho dos mesmos. Dos exemplos escolhidos está o Sanatório de Paimio de Alvar Aalto, o Youth Hostel de Yoshinobu Ashihara, o SAS Hotel de Arne Jacobsen e o Hotel Intercontinental de Otto Apel e Hannsgeorg Arquitetos, e Gilbert Becker engenheiro.

Capítulo III
Análise das Referências Arquitetônicas

Sanatório de Paimio – Alvar Aalto

Alvar Aalto recebeu esta encomenda, quando ganhou o concurso para o desenho do sanatório para tuberculose em Finland Proper, no final de 1928 e início de 1929. O projeto de Alvar Aalto destacava-se principalmente pela preocupação em fazer as instalações físicas do edifício, de modo a ajudar o máximo possível no tratamento dos doentes.

A proposta apresentada no concurso assemelha-se na generalidade ao projeto final, sendo que nos primeiros desenhos (Maio de 1929), a ala dos pacientes tinha 4 pisos, e o sanatório de acordo com as instruções do concurso tinha 184 camas. Em 1930 com a aliança da cidade de Turku ao projeto, foram acrescentadas mais de 100 camas.

No desenho final, nota-se a elevação da ala dos pacientes e uma pequena modificação na orientação dos volumes. Entre outras alterações, depara-se como uma ala adicional, uma pala sobre a entrada e a mudança das janelas das enfermarias em L para janelas quadradas. A sua construção foi iniciada em Abril de 1930 e o sanatório em junho de 1933.



Figura 5 - Vista aérea, Sanatório de Paimio

O edifício encontra-se livremente implantado numa floresta de pinheiros, com uma distância proporcional em relação aos centros urbanos, não só como forma de proporcionar melhores condições de tratamento, mas também para impedir que a doença se alastre.

O arquiteto propõe uma implantação fortemente integrada com a natureza, combinando as mais recentes opiniões médicas e psicológicas com a tecnologia de construção mais avançada do tempo, o sanatório deveria funcionar como um instrumento médico.

O edifício é composto por quatro alas em leque, que ligam entre si por um corpo central, sendo todas de diferentes funções. Cada bloco encontra-se ligado por um sistema de espaços e caminhos, voltados para um pátio interno, que também funciona como entrada principal. As funções de cada bloco foram distribuídas de modo a que cada ala forma-se uma unidade própria.

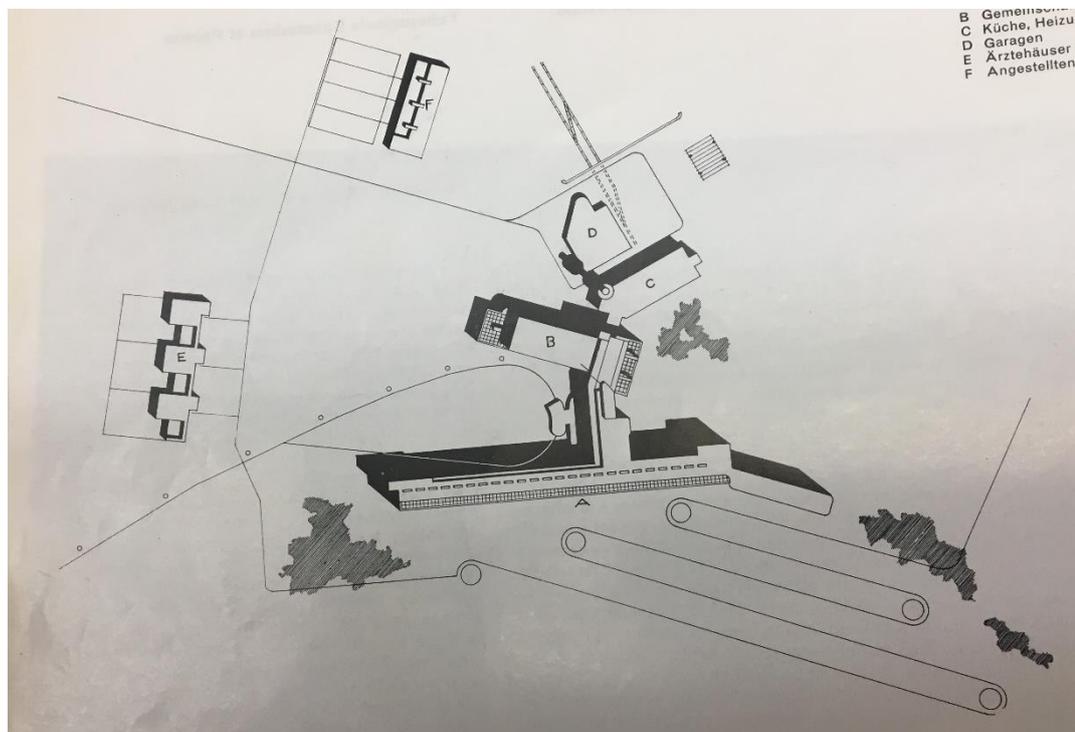


Figura 6 - Implantação, Sanatório de Paimio

O corpo principal de 6 andares orientado a sudoeste, é destinado a ala dos pacientes, e a sua continuação é uma ala de 7 andares, orientada para sul. Na cobertura existe um terraço com um jardim, que era usado durante o verão. Do lado oposto a ala dos pacientes, do outro lado do pátio, existe uma ala mais baixa com o eixo longitudinal orientado para este-oeste, composto sobretudo por espaços comuns. Nas traseiras desta ala, está situada a ala de serviço e uma central de aquecimento de um único piso.

Além do edifício do sanatório, o arquiteto desenhou outros edifícios para o local, incluindo a casa do médico principal, uma sauna em forma de leque, e também as casas dos outros membros do pessoal dispostas em banda, de dois pisos e influenciadas pela Bauhaus. Devido a sua planta flexível, Alvar Aalto utilizou mais tarde, o mesmo modelo no desenho de suas habitações.

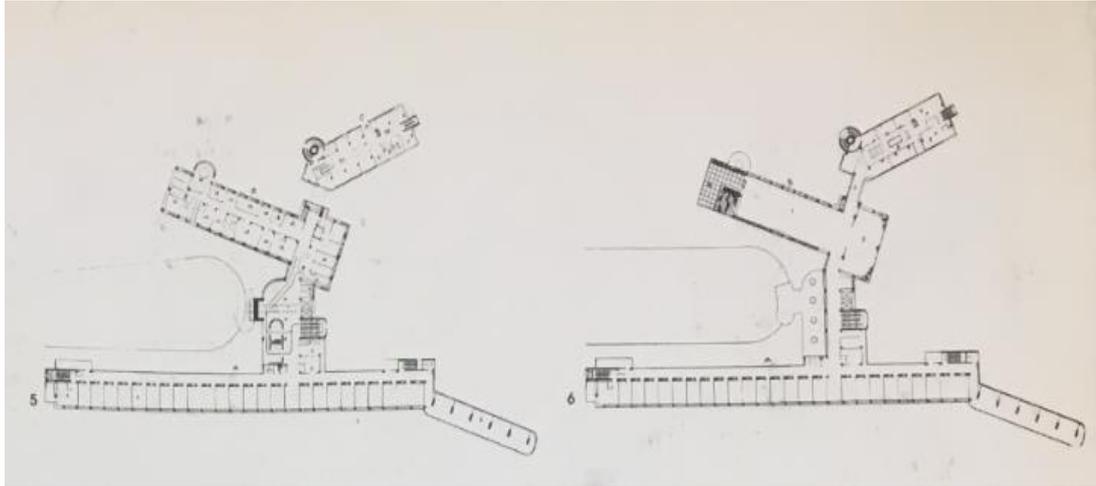


Figura 7 - Plantas, Sanatório de Paimio

O sanatório usa uma estrutura de pilares em betão armado, com paredes exteriores em alvenaria de tijolo, que possibilitou uma maior liberdade no planeamento dos espaços.

Desde a sua conclusão, o sanatório foi alterado e acrescentado ao longo de vários períodos, como por exemplo nos anos 50, o atelier de Alvar Aalto desenhou uma nova ala de serviço, e na década seguinte, com a diminuição da frequência da tuberculose, o sanatório foi convertido num hospital geral. A alteração mais determinante para a aparência do edifício, foi a modificação da ala exterior em enfermarias fechadas em 1963. Os interiores também foram remodelados, sendo tudo o que resta dos interiores criados por Alvar Aalto, uma enfermaria que foi restaurada ao seu estado original.

A chegada ao sanatório é bastante memorável, sendo o primeiro elemento avistado uma caixa de elevador em vidro na extremidade oeste do edifício, que funciona como um símbolo da idade da máquina, fazendo do movimento um elemento arquitetónico. O pátio que surge em direção a entrada dá a sensação de acolher o visitante, levando o arquiteto a utilizar o mesmo tipo de pátio em trabalhos posteriores. Na parte final do processo de desenho, o arquiteto acrescenta uma pala sobre a entrada que não existia na proposta do concurso.



Figura 8 - Entrada, Sanatório de Paimio

O sanatório é uma obra única relativamente a arquitetura institucional, pelo cuidado prestado as necessidades dos pacientes. Durante uma conferência em Viena em 1955, Alvar Aalto descreveu o sanatório como sendo *“um projeto durante o qual eu tive, pela primeira vez, contacto com o infortúnio humano... Quando recebi a encomenda estava doente e assim pude fazer algumas experiências e descobrir o que era realmente estar doente. Fiquei irritado por ter de estar sempre deitado na posição horizontal e a minha primeira observação foi que os quartos estavam desenhados para pessoas em pé e não para aqueles que passam o dia deitados. Os meus olhos eram constantemente atraídos, como um inseto, para a luz elétrica do quarto, a qual não era de modo algum concebida para doentes de cama. O quarto não sugeria nem equilíbrio nem calma”* 1.

O arquiteto usou vários meios durante a sua busca por um espaço de repouso para as enfermarias, optando por tetos mais escuros que a parede impedindo a encadeação da luz, a colocação dos aquecedores aos pés dos pacientes, os armários presos a parede que davam a sensação de flutuar no espaço facilitando a limpeza, e os lavatórios construídos de modo a evitar o ruído da água.

1- NORRI, Marja-Riitta. *Alvar Aalto em sete edifícios: Interpretações do trabalho de um arquitecto*. Helsinquia: Museu de Arquitectura Finlandesa, 1999.



Figura 9 - Vista do quarto, Sanatório de Paimio

Os espaços comuns dos pacientes abriam-se em diferentes direções, permitindo que a paisagem e a iluminação fossem o mais variável. Graças ao sistema estrutural em pilares, os cantos das salas de estar eram abertos fazendo uma ligação sem obstáculos com a natureza, somente neste espaço havia plantas de interior nas janelas de canto.

Nos espaços mais privados, como é o caso das enfermarias, foram usadas cores de tons terrosos, enquanto que nas áreas públicas e mais salientes o arquiteto usou cores de preferência do neoplasticismo, como o branco, cinzento e amarelo.

Para orientar a circulação aplicou um sistema de supergráficos baseado na cor, como por exemplo a escadaria amarela do átrio. O átrio possui uma iluminação a partir do teto, com claboias redondas.



Figura 10 - Vistas do átrio, Sanatório de Paimio

A produção de mobiliário de Alvar Aalto foi iniciada em Paimio, onde desenhou todo o mobiliário do sanatório, utilizando mais tarde esses mesmos desenhos para outros edifícios. No interior do sanatório, o arquiteto usou ainda mobiliário metálico tubular e cadeiras feitas de madeira arqueada e contraplacado. A peça mais conhecida, produzida pela Fábrica de Mobiliário e Construção de Otto Korhonen, chamada de cadeira de Paimio, era defendida pelo arquiteto que facilitava a respiração dos doentes.



Figura 11 - Cadeiras de Paimio, Sanatório de Paimio

O arquiteto adotou uma solução minimalista na forma da estrutura suspensa, na qual os materiais são utilizados de forma extremamente económica. Alvar Aalto criou um espaço dentro de um espaço, uma sensação de imaterialidade predominando a luz e não a estrutura.

Para a construção do sanatório o arquiteto tinha como objetivo, criar uma síntese funcional onde fatores fisiológicos, psicológicos e sociais se combinariam com a mais recente tecnologia. Ele quis criar uma entidade multiforme, que satisfizesse as necessidades dos pacientes e promovesse a cura.



Figura 12 - Vista exterior, Sanatório de Paimio

Youth Hostel (1959) – Yoshinobu Ashihara

O pequeno edifício de 450 m² encontra-se implantado ao lado do rio Daiya envolto por um denso bosque, com linhas rigidamente horizontais e um telhado plano que remonta a asas de uma avião, dominando a ampla paisagem de colinas. O edifício marca uma nova tendência na construção para jovens viajantes, oferecendo mais espaço e conforto nas suas áreas públicas comparado aos antigos hostels para jovens.



Figura 13 - Vista exterior, Youth Hostel

As asas, correspondentes aos dormitórios femininos e masculinos, são paralelas aos contornos da encosta e escalonadas em planta, o bloco central contém as casas de banho, as salas de serviço, a recepção e as duas cozinhas onde os hóspedes podem fazer a sua própria comida. A sala de estar, sobre estacas de madeira, é elevada um piso com varandas nas três extremidades. Existe uma enorme chaminé independente com lareira, que se prolonga e serve a lareira ao ar livre no terraço inferior.

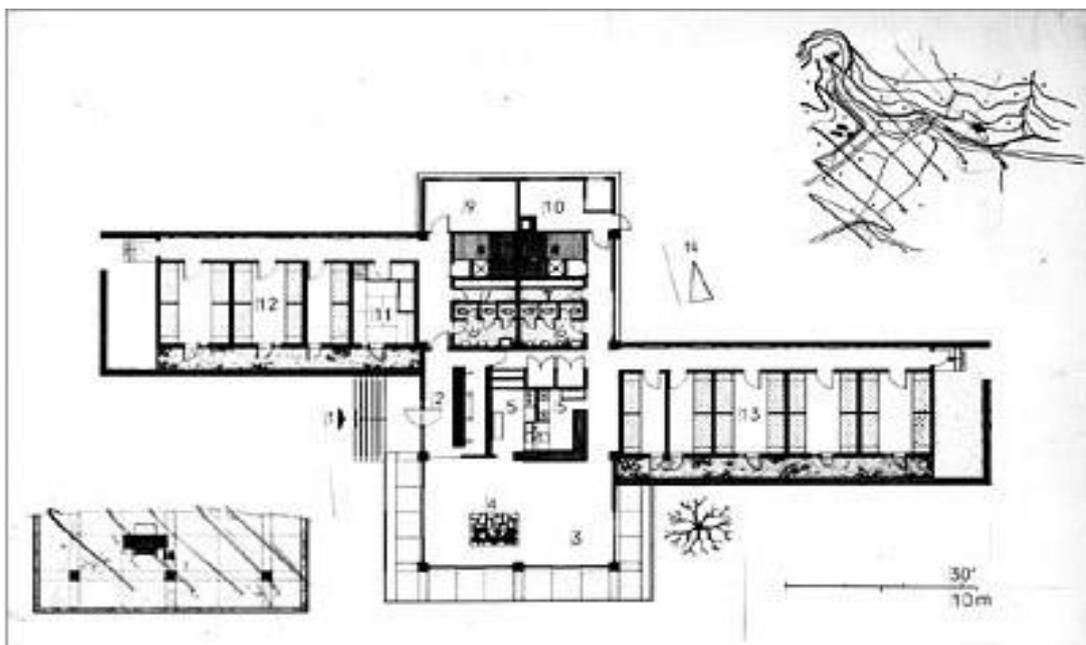


Figura 14 - Planta geral, Youth Hostel

A parte central do edifício é feita em betão armado, e as asas com paredes de alvenaria oca. Milhares das pedras colhidas do rio, são das principais características do edifício e da sua paisagem. Os forte horizontais em betão são enfatizados pelas linhas horizontais das ripas de madeira, que são ajustáveis de acordo com a posição do sol, projetando sombras na estreita faixa do lado de fora dos quartos.

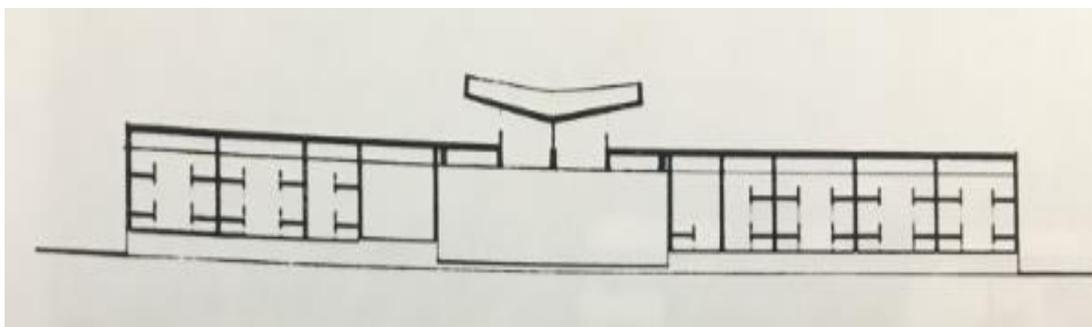


Figura 15 - Corte longitudinal, Youth Hostel

O hotel com capacidade de acomodar de 50 a 80 pessoas, tornou-se no modelo básico de muitos hostels para jovens.

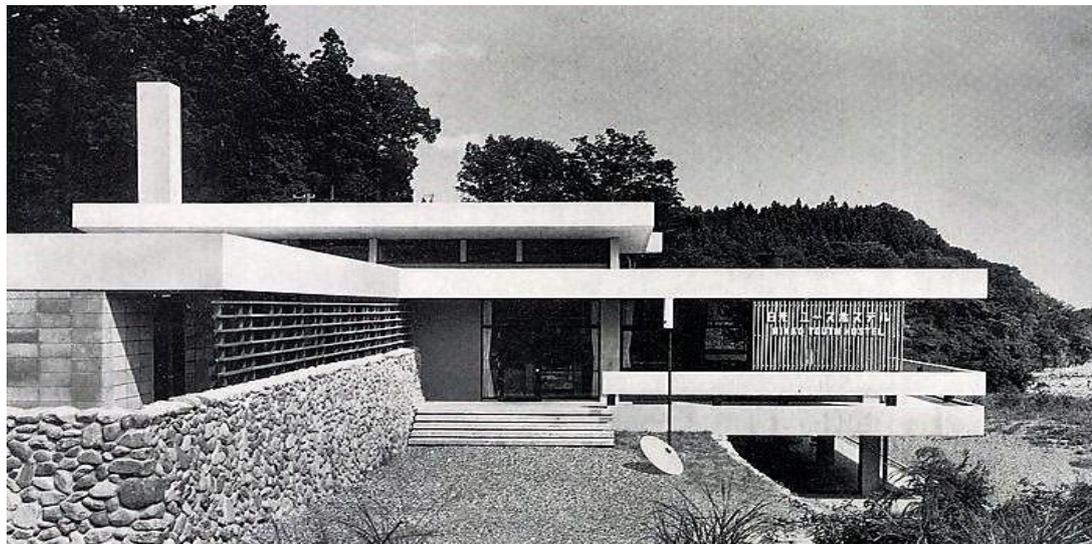


Figura 16 - Vista da entrada, Youth Hostel

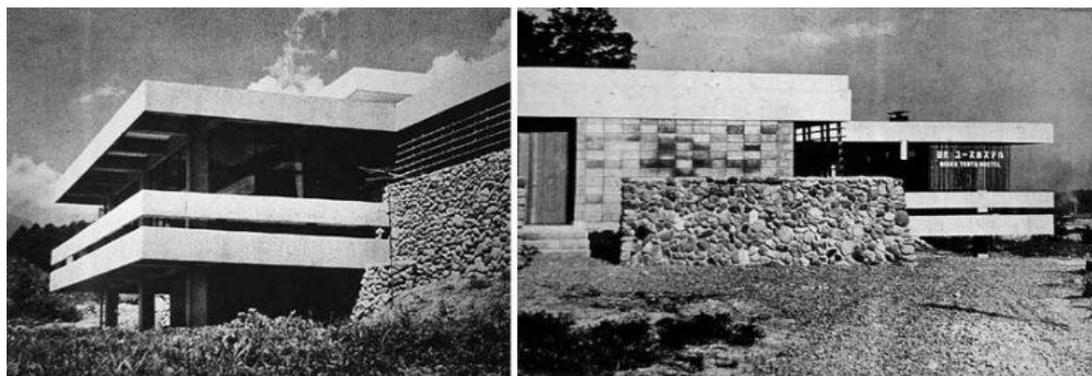


Figura 17 - Vistas exteriores, Youth Hostel



Figura 18 - Vista da varanda dos quartos, Youth Hostel



Figura 19 - Sala de estar, Youth Hostel

SAS – Arne Jacobsen

A companhia aérea escandinava, planejava construir um arranha-céus com um hotel e um terminal aéreo, na esquina de Vesterbrogade e Hammerichsgade, sendo recebida com uma certa dúvida quando foi anunciada em 1956, pela sua localização num cruzamento que era um dos mais movimentados da cidade.

Segundo o editor da revista *Arkitekten*, “*para quem está de fora, parece que o mundo dos negócios, que gera moeda estrangeira, exerce a maior influência sobre os planos urbanos da câmara do que os especialistas em planejamento urbano*” 2. Outra crítica seria que o edifício de grande escala, dominaria a área tendo um efeito desfavorável ao perfil de Copenhague.

Vilhelm Lauritzen, colega de Arne Jacobsen, tinha plena confiança de que o edifício seria bastante admirado pelos americanos, pelo “*tom especial dinamarquês que invariavelmente caracterizaria o edifício de um esplêndido arquiteto dinamarquês- e entre outras coisas, resultaria do cuidado da escolha de materiais e de um trabalho minucioso com todos os detalhes que os americanos não desfrutam em casa*” 3.

2- THAU, Carsten; VINDUM, Kjeld. *Arne Jacobsen*. 2ª Edição. Copenhague, Dinamarca: Arkitektens Forlag/The Danish Architectural Press, 2001.

3- THAU, Carsten; VINDUM, Kjeld. *Arne Jacobsen*. 2ª Edição. Copenhague, Dinamarca: Arkitektens Forlag/The Danish Architectural Press, 2001.



Figura 20 - Vista exterior, SAS Hotel

O aspeto do edifício concluído, correspondia no geral aos desenhos em perspetiva iniciais, dividido em 2 volumes, um horizontal e um vertical, articulados de forma independente.

O volume horizontal dividido em 2 andares, contém o lobby do hotel, restaurantes, etc. e o terminal aéreo, e o volume vertical com 19 pisos, inclui principalmente os quartos do hotel. Uma área técnica inserida entre os dois volumes cria um total de 22 pisos, e na parte de baixo 2 caves, sendo a inferior para estacionamento.

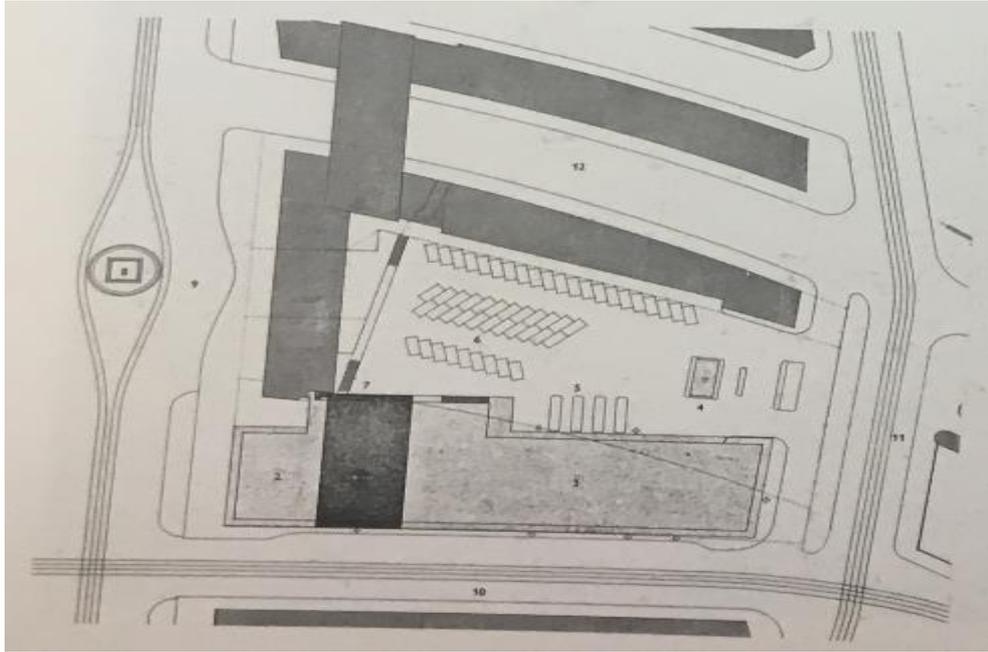


Figura 21 - Implantação, SAS Hotel

O perímetro da parte baixa do edifício segue as linhas da rua, sendo interrompido por uma abertura em direção ao edifício vizinho em Vesterbrogade, resultando num nicho que assenta os planos da fachada, visto que a fachada vizinha recua de modo a abrigar um monumento público. Inicialmente, o nicho, possuía uma padaria com acesso ao hotel.

Uma abertura mais longa, no canto da parte baixa a noroeste, faz a entrada para o estacionamento na rua de trás e para a estação de Vesterport, aqui também estacionam os autocarros para o aeroporto.

A parte baixa do edifício acompanha a linha da rua, dando continuidade a estrutura de quarteirões da cidade, enquanto que a parte superior e a parte alta são recuadas. O volume horizontal cria um muro ao longo das ruas envolventes, e o volume vertical liberta-se tornando-se num elemento de construção autónomo, elevando-se como um volume solitário. A parte vertical do edifício funciona como um ponto fixo na envolvente, em conjunto com uma serie de torres que caracterizam Copenhague.

A estrutura do edifício em betão armado, segue módulos de 2.4 m. Na parte baixa, a laje apoia-se em colunas redondas, posicionadas em intervalos de 4.8 m, com exceção da área sem colunas de 9.6 m de largura. As colunas são complementadas por uma parede transversal contínua, que inicialmente dividia a parte baixa do edifício no hotel e no terminal aéreo.

O volume vertical é sustentado por seis grandes pilares, dois na entrada principal, dois na rampa de estacionamento e dois ao redor dos elevadores. No 3º e 4º andar, os pilares sustentam 2 vigas contínuas de 8 m de altura, onde pousa a estrutura da cobertura.

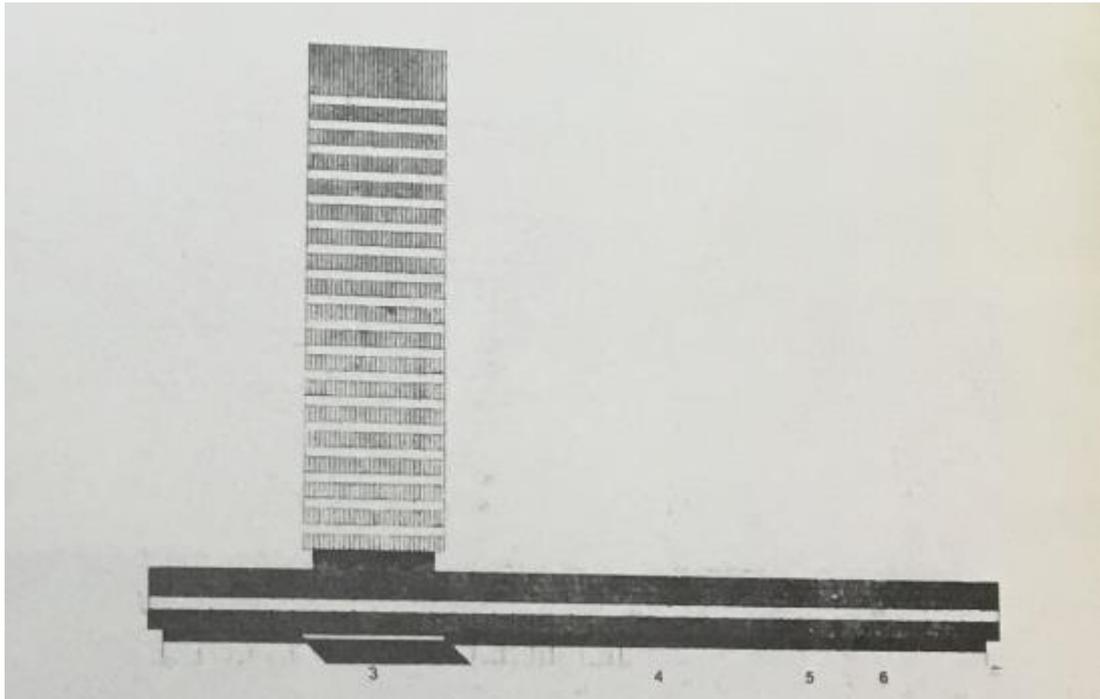


Figura 22 - Corte, SAS Hotel

A parte baixa do edifício, é um volume plano que se ergue sobre a fachada de vidro do piso térreo, revestido com chapas de aço horizontais, de cor verde-acinzentado. A horizontalidade é destacada pelas janelas contínuas que dividem a fachada.

A fachada de vidro ao nível da rua é dividida pelos 2 pilares revestidos em mármore, que contornavam a entrada principal, que também é marcada por 2 peças de madeira (dosséis). Entre a parte alta e baixa do edifício, está inserida uma fachada de vidro embutida e como na do piso térreo, é partida apenas pelos dois pilares que sustentam o volume da torre.

A torre é revestida por tiras de vidro e alumínio verde-acinzentado, que resultou numa espécie de pele que cobria todo o edifício.

Segundo Svend Erik Moller o edifício estava a *“grosso modo... uma meia caixa de charutos colocada na ponta e coberta com papel de parede brilhante em tons de verde claro”* 4.

A fachada de vidro e as janelas de faixa contínuas no lado norte, são interrompidas pelas grelhas de ventilação das saídas de emergência, resultando numa faixa vertical escura.

4- THAU, Carsten; VINDUM, Kjeld. *Arne Jacobsen*. 2ª Edição. Copenhague, Dinamarca: Arkitektens Forlag/The Danish Architectural Press, 2001.



Figura 23 - Vista exterior, SAS Hotel

O terminal aéreo, inaugurado um ano antes da conclusão do hotel em janeiro de 1959, localiza-se no extremo norte da parte baixa do edifício. As suas instalações de serviço e escritórios, estão organizados a volta do grande salão central de dois andares, que se estende em direção a Hammerichsgade, e o balcão de check-in e a bagageira na frente de rua. A cobertura abobadada, é em vidro com barras metálicas, e as paredes estão revestidas com painéis de madeira num tom castanho escuro.

No lado norte foi construído um banco com uma agência de viagens nas traseiras, que podia ser acedida tanto pelo corredor interno como pela rua, e no extremo oposto um pequeno bar. Entre o bar e o banco, estava a sala de espera que era decorada com mobiliário desenhado por Arne Jacobsen.

O lobby de entrada localizado atrás do bar, diferente da entrada principal entre os dois pilares de mármore, foi separado da rua por uma zona de lojas que funcionavam tanto para afastar o ruído da rua, como uma espécie de filtro para a luz do dia, recebendo também o mínimo de luz diária através do jardim de inverno. O espaço em si não possuía claraboias, e tinha o pé direito mais baixo do que o do terminal.

A luz elétrica vinha de pequenas lâmpadas embutidas no teto verde-acinzentado, sobre a receção e das vitrines das lojas. As paredes e o balcão da receção eram revestidas em painéis de madeira castanho escuro, e o piso em mármore num tom de cinza claro.



Figura 24 - Vistas do lobby, SAS Hotel

O bar que fica atrás do jardim de inverno abre-se para o lobby, dando aos hóspedes a opção de sentar-se tanto no bar, como nas mesas separadas pelas ripas de madeira. A área das mesas era decorada com as cadeiras de couro desenhadas por Arne Jacobsen, “A Gota” (The Drop) e na área do bar “A Língua” (The Tongue). No lobby também havia um grupo de cadeiras do arquiteto, “O Ovo” (The Egg) em tons de verde escuro, organizadas em torno das mesas redondas.



Figura 25 - Vista do bar, SAS Hotel

O jardim de inverno, a parte mais alta do terminal, atravessa o 2º piso e é coberto por um teto em vidro com barras metálicas, todo mobiliado com as cadeiras de Jacobsen, “O Pote” (The Pot), que davam a sensação de flutuar junto com os tampos das mesas. O espaço funcionava como uma área de refúgio e retiro da vida cotidiana, que se inicia na transição desde as portas de vidro automáticas da entrada principal para o lobby até ao jardim.

O jardim foi destruído em 1991, sendo colocado sobre o espaço uma sala de conferências no segundo andar, e o piso térreo unido a área do lobby, que também passou por alterações e reconstruções nos anos seguintes.

Uma escada suspensa de metal e acrílico (plexiglas) faz a ligação do lobby com o 2º andar. Ela leva ao átrio que dá acesso ao restaurante, ao salão e ao bar que fica atrás do jardim de inverno, as paredes dos espaços são revestidas com painéis de madeira, e o chão com tapete vermelho.

O átrio decorado com cadeiras e sofás desenhadas por Jacobsen num tom azul-esverdeado, é separado do restaurante por uma parede de vidro e cortinas translúcidas. O restaurante decorado com as cadeiras “A Girafa” (The Giraffe) desenhadas especialmente para o local, era iluminado pelas janelas da rua Vesterbrogade e por claraboias. Atualmente o restaurante foi convertido numa sala de conferências, e com exceção dos painéis não existe vestígio do mobiliário original.

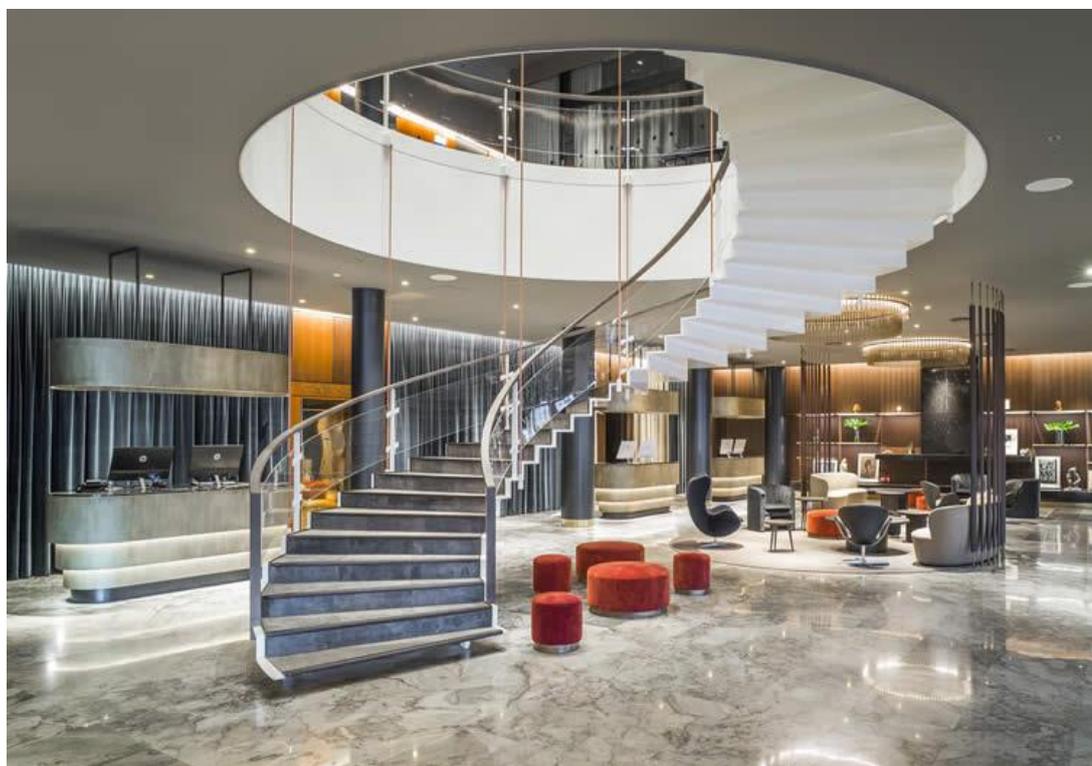


Figura 26 - Vista da escada, SAS Hotel



Figura 27 - Vista da escada, SAS Hotel

Na área dos quartos, o corredor de baixo pé direito, dá a sensação de ser menos estreito, e a colocação das portas, uma em frente a outra, cria uma sensação de espaço. No 21º andar, foi contruído um apartamento destinado ao primeiro diretor do hotel.

Os 275 quartos do hotel dividem-se em três tipos, incluindo suítes nos dois andares superiores, quartos individuais, quartos duplos e “quartos convertíveis” que podiam ser transformados numa sala aberta. Têm janelas de parede a parede, e painéis contínuos que dão um ar acolhedor.

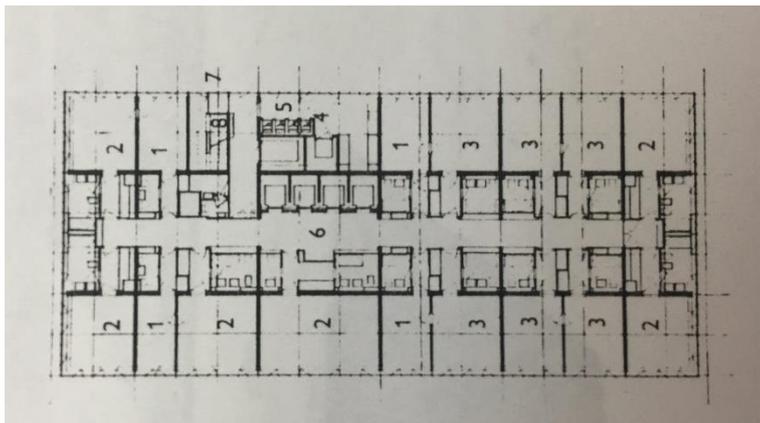


Figura 28 - Planta do piso dos quartos, SAS Hotel

Hotel Intercontinental, Frankfurt – Otto Apel e Hannsgeorg Arquitetos, Gilbert Becker engenheiro

Construído em 1964, na área do antigo parque de Bary, em frente ao passeio principal conhecido como Nizza, o hotel de forte divisão estrutural em altura, é composto por um volume dominante horizontal e um vertical. Destinado a executivos e turistas, possui salões e salas públicas de grande dimensão, e quartos de dimensões mais modestas.



Figura 29 - Vista exterior, Hotel Intercontinental, Frankfurt

A maior parte da cave é ocupada pela garagem subterrânea, com entrada e saída independente. A entrada dos veículos, com exceção do carro dos bombeiros, é feita a partir das margens do rio por uma estrada a norte, que os leva até a garagem.

Nas restantes áreas da cave, encontram-se as instalações elétricas e outros serviços técnicos. A partir daqui o hospede tem acesso direto ao salão do hotel, através de uma escada em espiral.

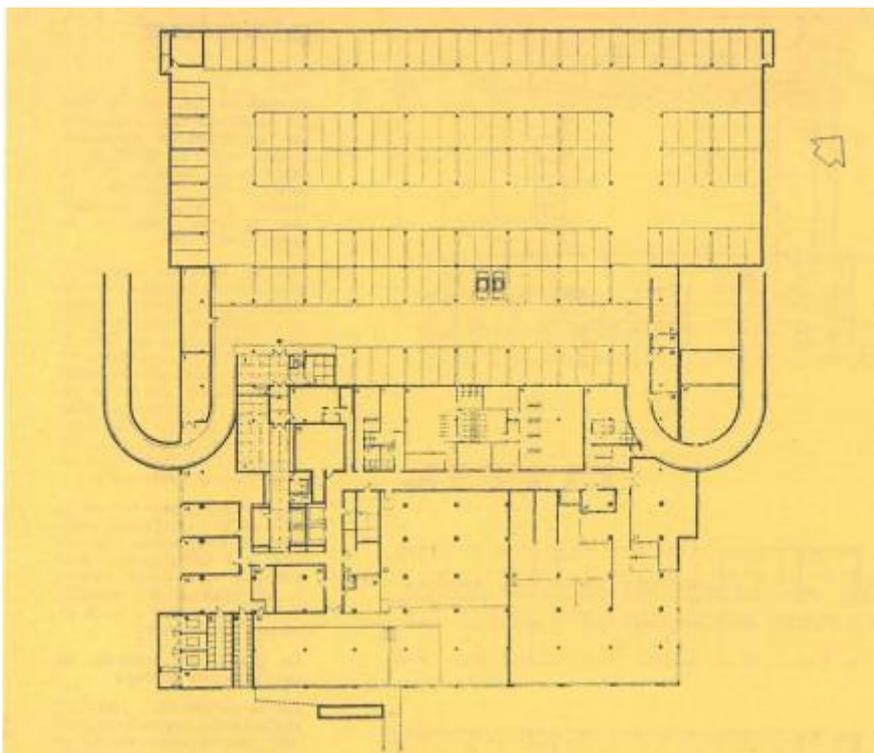


Figura 30 - Planta da garagem, Hotel Intercontinental, Frankfurt

O volume horizontal é composto pela entrada principal, as áreas de uso coletivo, a entrada para o salão de dança, o hall, bar e os diferentes restaurantes e cafés. No lado norte está a cozinha, com todos os serviços adicionais e um pátio de serviço.

O lobby de acabamentos caros e piso em madeira, é longo de modo a evitar o acesso de visitantes indesejados as áreas privadas do hotel. Um par de elevadores de finalização metálica de tom verde, é o destaque do espaço. As colunas que sustentam os pisos dos quartos, são incorporadas nas caixas de elevadores ou em áreas onde não obstruam o espaço, articulando o salão dividindo-o numa serei de espaços íntimos.



Figura 31 - Entrada principal coberta, Hotel Intercontinental, Frankfurt



Figura 32 - Vista da recepção e do lobby, Hotel Intercontinental, Frankfurt

A circulação vertical é feita por 4 elevadores dos hóspedes, cada um com capacidade para 18 pessoas, 2 elevadores de serviço que ligam a todos os pisos, e 2 escadas de serviço e de emergência ligadas entre si pelos corredores a prova de fogo. As escadas de incêndio, também servem de ligação de emergência de um piso para o outro, comunicando entre si pela varanda.

De frente para o rio, estão o bar e o restaurante com um terraço flutuante projetado a sul. Esses espaços foram projetados com a intenção de fazer conexão com o passeio “ribeirinho”. O restaurante Dell’Arte, possui divisórias em vidro, e bonecas em trajes teatrais. As paredes escuras, as cadeiras de couro castanho escuro, e o grande lustre em cristal italiano combinam-se

para criar um ambiente interior moderno. O tom azul do teto, das capas dos assentos e dos tapetes, foram mais tarde alterados para um vermelho escuro.

O restaurante diurno, o Basserie, usa diferentes tipos de madeira na sua decoração. As paredes são revestidas por grandes painéis de madeira, e as divisórias feitas com filetes de madeira amarados.



Figura 33 - Vista do restaurante principal, Hotel Intercontinental, Frankfurt

A cozinha principal encontra-se dividida em secções de confeção quentes e frias, dispostas em U em torno da área de serviço. O balcão de bebidas é separado, assim como as secções de lavagem, e todos os aparelhos são concentrados em unidades compactas. A cozinha do Basserie é totalmente separada, ao lado da cozinha dos funcionários, e a sala de jantar do pessoal adjacente, é quase tão grande quanto o restaurante do Basserie. A ala de serviços é colocada no nível térreo, fora da vista dos hóspedes.

No último piso do volume horizontal, está o salão de dança com o seu grande hall de entrada, cabeleireiros, salas de jantar privativas, administração e consultórios médicos. O salão de festas é construído sem colunas no interior, e é acedido por 2 escadas em espiral a partir do lobby e da entrada, e a sua cozinha também serve de apoio as salas privadas do lado sul.

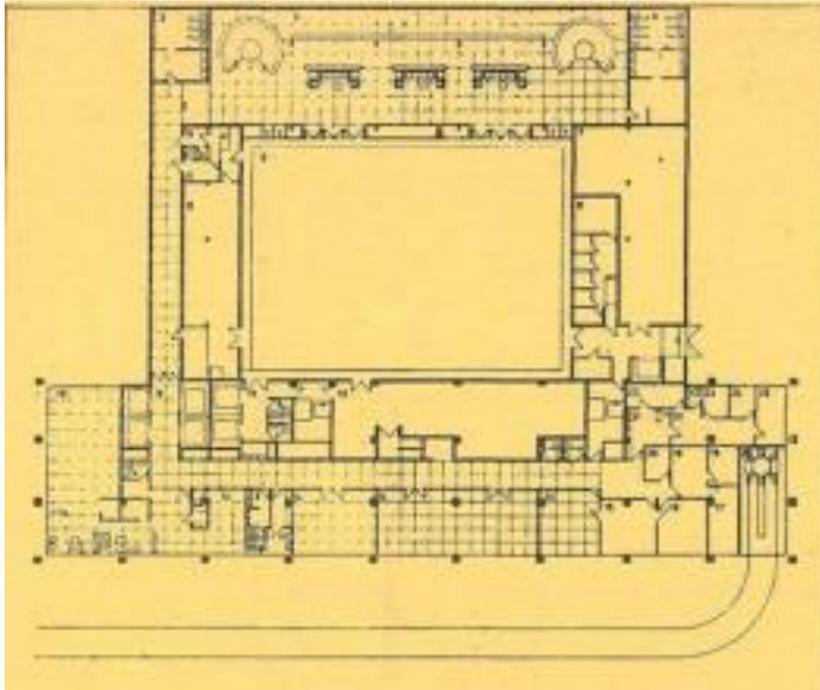


Figura 34 - Planta do piso 1, Hotel Intercontinental, Frankfurt

No piso mais baixo dos quartos, está a suíte do gerente que fica logo acima dos escritórios.

Em cada face da torre dos quartos, existe um conjunto de 10 colunas, dois compartimentos por cada coluna, tornando mais fácil de encaixar as colunas no salão, nas cozinhas e nas áreas de serviço. As colunas também são removidas dos cantos, tornando mais fácil ter quartos maiores e suítes nas extremidades. Os quartos, de duas camas, estão dispostos dos 2 lados de um corredor central.

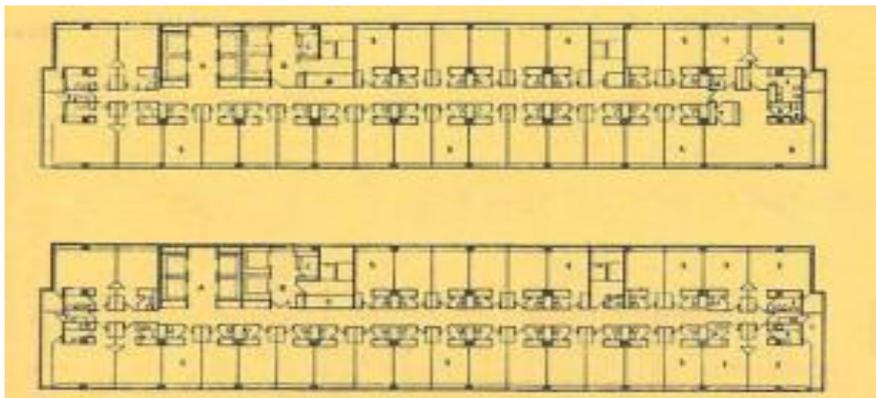


Figura 35 - Plantas dos pisos dos quartos, Hotel Intercontinental, Frankfurt

No 21º foram instaladas áreas de uso público (bar, sala de jantar, terraço) de modo a que os hóspedes pudessem usufruir de uma vista panorâmica da cidade.

Capítulo IV
Análise Comparativa

A análise comparativa dos diferentes casos de estudo, serviu como forma de demonstrar como espaços de mesma função são tratados em diferentes edifícios, baseando-se na análise dos quartos standard de cada exemplo, de modo a perceber a funcionalidade e a finalidade de cada um.

Sanatório de Paimio – Alvar Aalto

O Sanatório de Paimio apesar de não ser um hotel, sintetiza o processo de desenvolvimento dos quartos, ajudando a perceber as diferentes etapas no seu desenho.

Com o desenho do quarto do Sanatório, Alvar Aalto comprometeu-se a resolver todos os problemas relacionados ao desenho do espaço, de modo a garantir o máximo conforto aos doentes. A respeito da relação do paciente com o quarto em que vive, Alvar Aalto afirmou que *“o estudo da relação entre o indivíduo e seu ambiente envolveu o uso de quartos experimentais e envolveu questões relativas à forma, cor, luz natural e artificial, sistema de aquecimento, ruído etc.”* 5.

Diferente de um quarto comum que é desenhado para uma pessoa na posição vertical, um quarto de um doente é um espaço onde o indivíduo se encontra a maior parte do tempo na posição horizontal, e as cores, a luz, o aquecimento, etc., devem ser tratados de forma diferentes.

Tendo em conta essas diferenças, o arquiteto projetou os quartos com duas camas, adaptando os diferentes elementos do espaço a posição horizontal do paciente na cama.

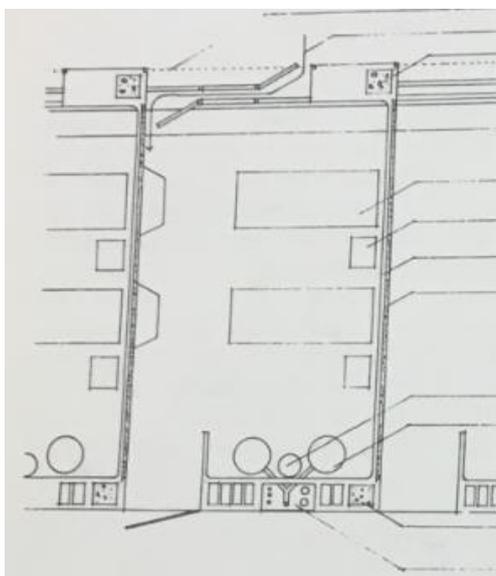


Figura 36 - Planta do quarto, Sanatório de Paimio

5- IOVINO, Renato; FASCIA, Flavia. *Alvar Aalto: architettura e tecnica*. Napole: Clean, 1992.

Observando o quarto do Sanatório, nota-se que o teto é pintado de uma cor escura, com exceção de uma área clara sobre a cabeceira da cama, onde a lâmpada de iluminação artificial na parede fora do campo de visão do paciente, projeta a luz que difunde-se pelo espaço. No teto ao pé da cama, é colocado o radiador que aquece a corrente de ar proveniente da janela, mantendo quente a área central do quarto onde estão as camas. O ambiente, também é isolado acusticamente em relação ao ruído proveniente do hospital.

Nos quartos infantis, a parede de separação entre os quartos atrás da cabeceira, é revestida com um material macio.



Figura 37 - Vistas do quarto, Sanatório de Paimio

Cada paciente possui o seu próprio lavatório, concebido com especial atenção de modo a eliminar o ruído quando em uso. Aqui é notável a preferência de Alvar Aalto por moveis em madeira, com exceção das camas em estrutura metálica tubular simples.

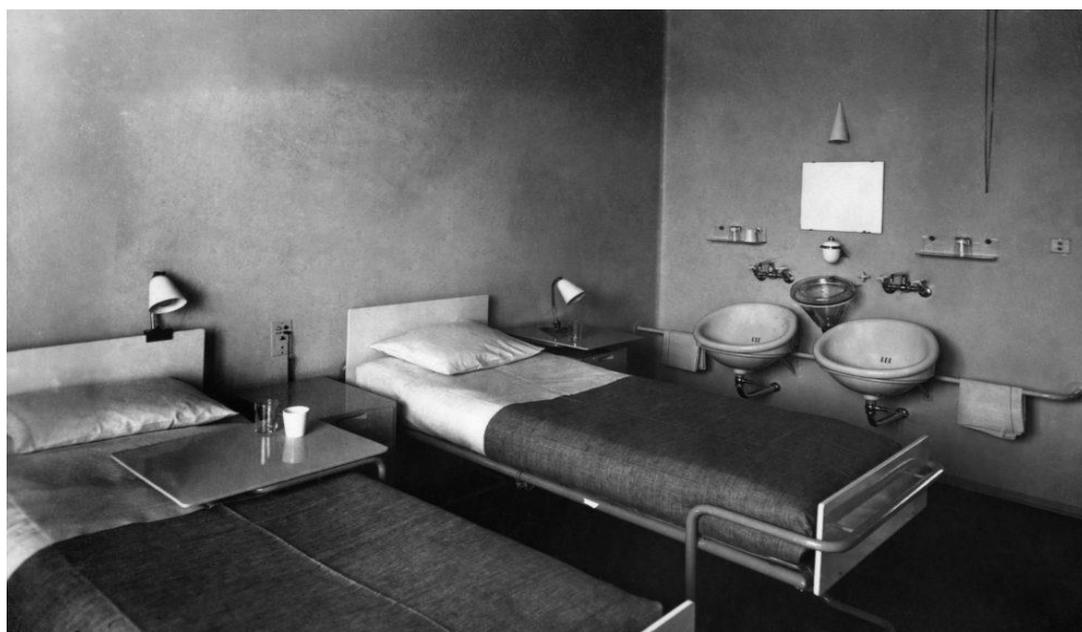


Figura 38 - Vista do quarto, Sanatório de Paimio

Youth Hostel – Yoshinobu Ashihara

No Youth Hostel os quartos encontram-se todos separados, por uma ala feminina e masculina.

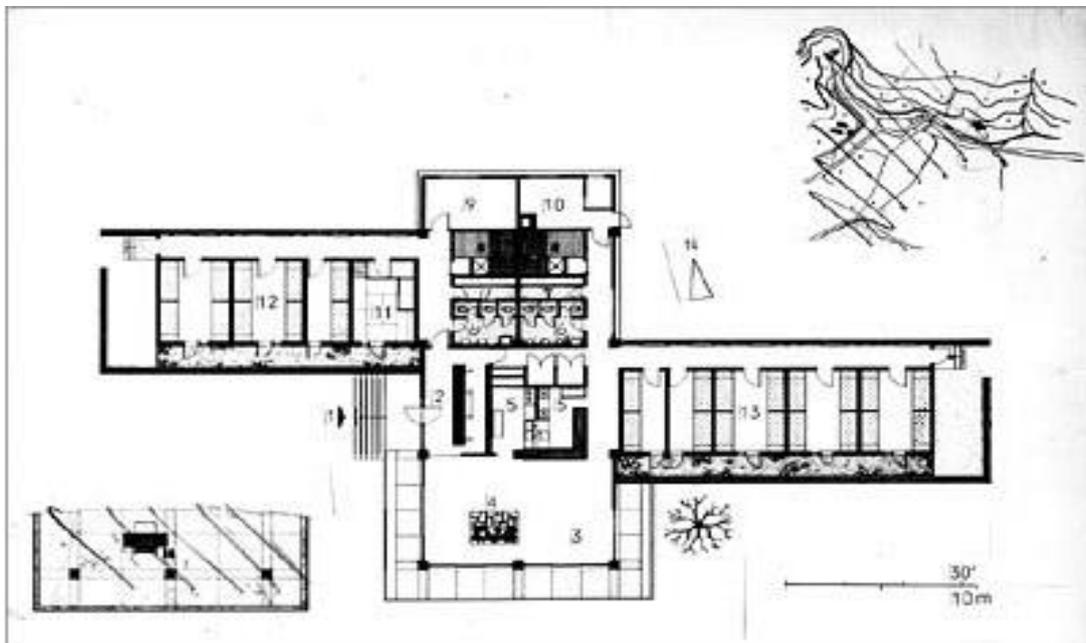


Figura 39 - Planta geral, Youth Hostel

Os quartos de uso coletivo (dormitórios), acedidos por um corredor, são de planta simples e sem divisórias. Ao entrar no quarto o hospede depara-se com um conjunto de camas (beliches) encostadas as paredes e cada um ocupa a cama que lhe tenha sido designada. As casas de banho encontram-se todas na ala central, também separadas por sexo, e de uso coletivo.

Alinhada com a porta principal do quarto, estava uma outra porta que dava acesso a varanda de uso exclusivo dos quartos, por onde era realizada a iluminação do espaço. A varanda é protegida por ripas de madeira, que podiam ser ajustadas de acordo com a luz do sol, que funcionavam como uma forma de também dar privacidade aos quartos.

Youth Hostel – Hotel 4* na Avenida da Boavista

Os quartos do Youth Hostel em comparação com os da proposta para o Hotel na Avenida da Boavista, representam 2 tipos de hotéis diferentes.

No Youth Hostel os quartos funcionam como dormitórios, separados por sexo, sendo acedidos por um corredor que conduz a área do quarto. O quarto com várias camas, dá acesso a uma varanda que serve não só como fonte de iluminação natural, mas também como forma de criar uma certa privacidade relativamente a rua.

Aqui as casas de banho são separadas dos quartos, também em masculino e feminino, e são partilhadas entre os hospedes.

Já na proposta para o Hotel na Avenida, o quarto está organizado como numa transição de espaços. Do corredor entra-se para o hall, que faz a distribuição para a casa de banho e para a área do quarto, que pode ser utilizado como duplo ou de casal. Aqui a iluminação natural é feita por uma janela de parede a parede.



Figura 40 - Esquema de organização do quarto, Youth Hostel



Figura 41 - Esquema de organização do quarto, proposta Hotel Avenida da Boavista

SAS – Arne Jacobsen

Os quartos do SAS Hotel, seguem uma organização espacial a que estamos habituados a ver nos quartos standard dos hotéis. Quando se entra no quarto, existe um pequeno corredor (hall de entrada) com um armário e o acesso a casa de banho, a partir do qual o quarto se expande. Da passagem do hall para o quarto, o hospede depara-se com um pé direito mais alto e a vista da janela que se abre de parede a parede.

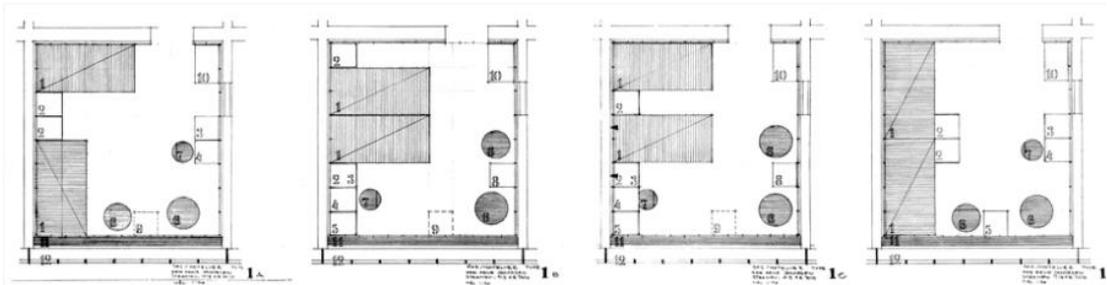


Figura 42 - Planta dos quartos, SAS Hotel

Os quartos possuíam painéis de madeira nas paredes, colocados no alinhamento da janela, que serviam de cabeceiras e onde podia ser montado as mesinhas de apoio, um suporte para as malas, uma bancada com luz e espelho e uma unidade para o radio, a televisão e o telefone de ligação para a receção.

Os painéis também tinham embutidos interruptores, que eram usados para ativar uma luz verde ou vermelha no corredor, sinalizando se o hospede desejava ou não ser incomodado. O tampo dos painéis era também utilizado para fixar candeeiros, que podiam ser usados sobre as camas e as mesas.



Figura 43 - Vistas do quarto, SAS Hotel

Os painéis facilitavam a troca de mobiliário, tornando cada quarto num espaço diferente do outro, mantendo os moveis fora do chão, o que também facilitava na limpeza. Nos quartos, assim como nas restante áreas do edifício, utilizou-se as cadeira desenhadas por Arne Jacobsen especialmente para o hotel.

As cores utilizadas nas paredes e nos moveis, mantinham uma tabela de cores de cinza e azul esverdeado. Os interiores acabaram por ser alterados e os acessórios e moveis substituídos, e apenas o quarto 606 foi reformado da forma original.



Figura 44 - Vistas do quarto, SAS Hotel

SAS Hotel – Hotel 4* na Avenida da Boavista

Diferente do Youth Hostel, o quarto do SAS segue o mesmo conceito que o da proposta para o Hotel na Avenida da Boavista. Ambos os quartos tem um hall de entrada, que funciona como uma área de distribuição dando acesso a casa de banho e a área dos quartos.

No SAS o armário é posicionado no hall, que pode ser encerado relativamente a área do quarto funcionando como uma espécie de closet. Já na proposta para o Hotel na Avenida o armário é colocado dentro do quarto, e o hall recua-se do alinhamento com a parede da casa de banho, tornando-se mais proporcional relativamente ao quarto.

Os quartos são iluminados por janelas de parede a parede, que reforçam o papel do hall como espaço transitório, de uma área mais fechada e escura, para uma área de ampla iluminação.



Figura 45 - Esquema de organização do quarto, SAS Hotel



Figura 46 - Esquema de organização do quarto, proposta Hotel Avenida da Boavista

Hotel Intercontinental – Otto Apel e Hannsgeorg Arquitetos, Gilbert Becker engenheiro

Como a maioria dos seus hóspedes eram homens de negócios que usavam os quartos apenas para dormir, os quartos do hotel intercontinental foram concebidos de forma compacta, assim como as casas de banho. Seguindo o mesmo modelo standard dos quartos de hotel, ao passar do corredor para o quarto, o hóspede depara-se com o hall onde tem um armário e o acesso a casa de banho, a partir deste espaço tem-se acesso ao quarto onde tem uma vista para o rio, proporcionado pela janela de parede a parede.

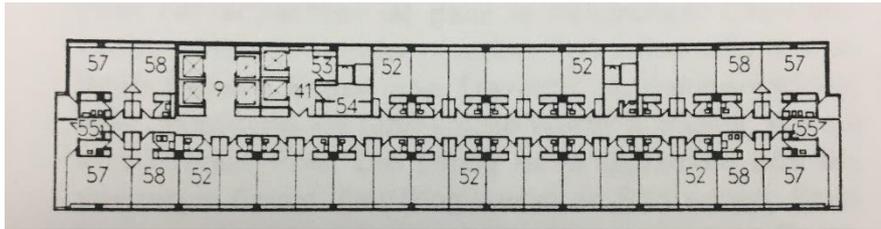


Figura 47 - Piso dos quartos, Hotel Intercontinental

Os quartos podem ser tanto duplos como individuais, a posição da cama é delimitada por dois painéis de parede em madeira, onde também são fixos os candeeiros e as mesinhas de apoio. Em frente a cama está a secretaria e ao pé da janela uma televisão, e 2 poltronas. O piso é um tapete de tom esverdeado, e as paredes bege claro.

Por baixo da janela, encontram-se as grelhas do sistema de aquecimento.



Figura 48 - Vista do quarto, Hotel Intercontinental

Hotel Intercontinental – Hotel de 4* na Avenida da Boavista

Em comparação com os quartos da proposta para o Hotel da Avenida da Boavista, os quartos do Hotel Intercontinental seguem o mesmo conceito. Ambos os espaços tem um hall de entrada, que faz a distribuição dando acesso a casa de banho e a área do quarto.

Semelhante ao SAS, o quarto do Hotel Intercontinental tem o armário posicionado a entrada, enquanto que na proposta para o Hotel na Avenida o armário é colocado dentro do quarto. o hall dos dois quartos tem ligação direta com o quarto, sendo que na proposta ele recua-se do alinhamento com a parede da casa de banho, tornando-se mais proporcional relativamente ao quarto.

Os quartos são iluminados pela janela de parede a parede, que cria a sensação de passagem de uma área mais pequena e escura (hall) para uma área mais ampla e mais iluminada (quarto).



Figura 49 - Esquema de organização do quarto, Hotel Intercontinental



Figura 50 - Esquema de organização do quarto, proposta Hotel Avenida da Boavista

Capítulo V
Análise do Lugar

5.1 História e Evolução da Avenida da Boavista

A partir da Praça da República inicia-se a construção de 2 ruas, onde percebe-se o intuito do crescimento da cidade do Porto em direção a poente. Começa a designar-se com a abertura da Rua de Álvares Cabral e com a Rua da Boavista, sendo a Rua da Boavista a que irá decidir o posicionamento da fachada Norte da Praça da República e o seu alinhamento será o início da futura Avenida da Boavista.

A Rua da Boavista concretiza parte de um eixo abstrato, unindo o cume do Monte Castro em Gondomar, ao Castelo do Queijo junto ao mar. Tornou-se num importante passo para a construção de uma via de transporte, e mais tarde de comércio, ao nível das necessidades da cidade do Porto.

Define um eixo de expansão da cidade para ponte paralela ao rio Douro, duplicando a via que desde sempre articulava a cidade com o seu território de influência, afirmando a vontade de substituir as vias aquáticas por vias terrestres, estabelecendo ligação com duas vias de saída da cidade, a estrada de Matosinhos e a estrada de Braga que se cruzavam na Praça de Santo Ovídeo.

Uma estrada de 6 km de comprimento cheia de fragmentos de história e resultante da adição de vários segmentos urbanos de diferentes épocas e arquitetura, que a tornam no canal que liga em linha reta com a cidade histórica e compacta do Porto. Rica em diversidade de edificação e de centralidade, é um exemplo de durabilidade e de adaptação a várias condicionantes enfrentadas por uma cidade.

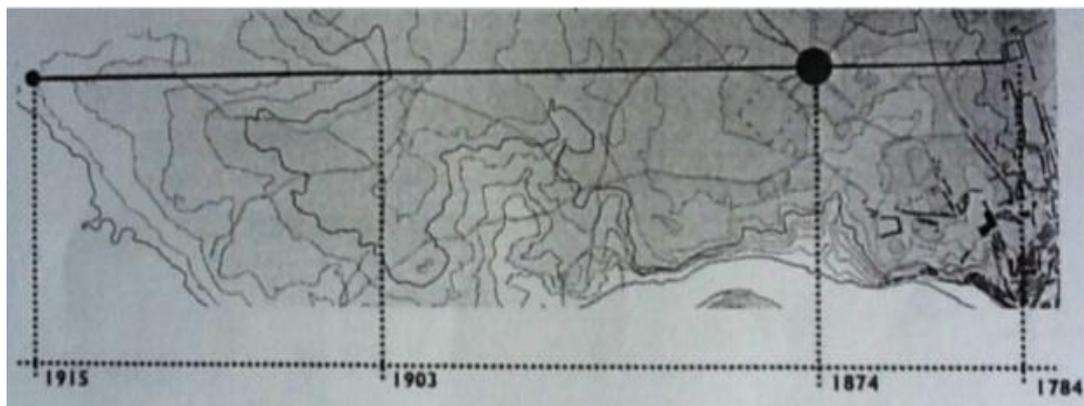


Figura 51 - Cronologia e Crescimento da Avenida da Boavista

Foi pensada em fachadas regulares, contínuas com um traçado ortogonal, que contrasta-se com as restantes ruas envolventes pré-existentes, de traços bastante irregulares.

Com o passar das décadas absorveu um conjunto de experiências, enriquecendo ao longo dos anos, tornando-se na representante de adaptação da cidade ao exterior da cidade histórica

e consolidada, a novas necessidades, gostos e soluções. Trata-se de uma nova rua que acrescentou ao Porto uma zona noroeste, procurando expandir a cidade e a baixa para poente a partir do final do séc. XVIII.

A sua abertura é iniciada em 21 de Agosto de 1784, pelos mestres pedreiros José de Sousa e Manuel dos Santos, sendo aberta até o início dos séc. XIX (1806), quando o projeto foi interrompido devido a Guerra Civil e ao clima de insegurança e instabilidade na cidade. Mais tarde em 1824 é recordada a intenção do seu prolongamento, devido ao seu caráter prioritário tornando-se num dos projetos assinalados no Plano de José Francisco de Paiva, mas somente em 1836 quando a direção “setembrista” coloca em prática políticas das obras públicas e algumas obras dos planos anteriores, é iniciada a sua continuação.



Figura 52 - Projeto de continuação da Rua da Boavista 1825

Pode-se dizer que o desenho da Rua da Boavista abriu caminho para a expansão da cidade até Cedofeita, e mais tarde para a área da rotunda, que por sua vez ligaria ao mar através da avenida, continuando sempre o alinhamento.

Este alinhamento permitia acesso aos principais eixos de articulação, fazendo abertura até aos antigos caminhos e eixos radiais da cidade com o Norte-interior e Norte-atlântico, a antiga entrada para Braga, as estradas litorais para Póvoa e Viana, a ligação a Matosinhos e a costa.

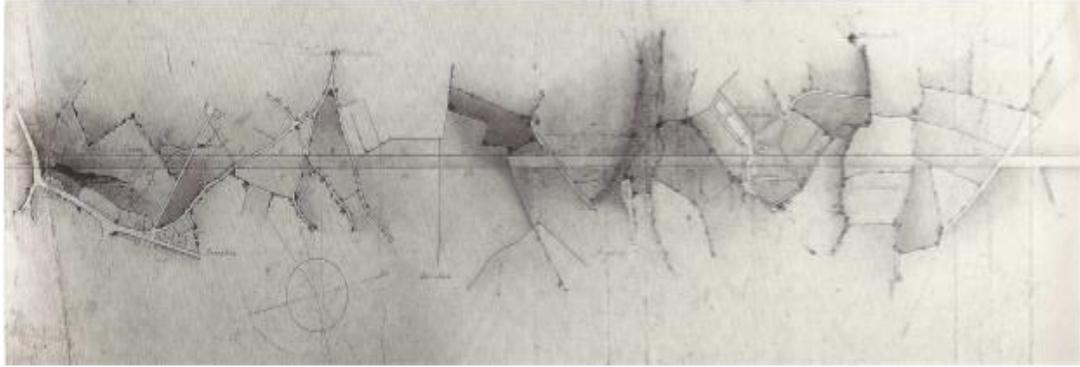


Figura 53 - Plano para continuação da Rua da Boavista

Em 1862 inicia-se a construção do Hospital Militar, e em 1868 surge o projeto da Rotunda. O fragmento da Boavista, entre o final da rua e do Hospital, transformou-se no “boulevard” parisiense ao obter mais largura nesta área.

A Rotunda da Boavista surgiu como uma necessidade de resolver uma intersecção entre a Avenida na saída noroeste da cidade, com as importantes vias rurais que se dispersavam por ali, articulando e criando uma infra-estrutura de circulação com o Porto de Leixões. Trata-se de um espaço de grandes dimensões com um jardim central, inicialmente chamada de Praça da Boavista, a Praça Mouzinho de Albuquerque foi aberta em 1866 no seguimento da abertura da avenida.



Figura 54 - Planta da Cidade em 1892 (Carta de Teles Ferreira)

Observando a planta de Telles Ferreira de 1892, pode-se comprovar ser constituída por dois semicírculos. De influência francesa, é baseada no modelo parisiense Étoile, com oito artérias que irradiam em várias direções, sendo duas pertencentes a Avenida da Boa Vista.

A estatua central deste espaço, o monumento aos Heróis da Guerra Peninsular do arquiteto Marques da Silva e do escultor Alves de Sousa, tornou o local num ponto fundamental tanto para a cidade como de todo alinhamento da avenida. A evolução dos transportes fez com que as grandes cidades tivessem de se adaptar fazendo várias alterações para garantir uma boa circulação. Estas modificações tornaram a Boavista num centro de sucesso atraindo a inserção de escritórios, centros comerciais e comércios, movendo as estações de transportes e as residências para outras áreas no prolongamento da avenida.



Figura 55 - Planta de Teles Ferreira 1892

No séc. XVIII houve um acréscimo de construções arquitetónicas, resultante das transformações urbanas feitas com o objetivo de estruturar o traçado da fisionomia do Porto. Após as trocas comerciais abrandarem de ritmo no Porto, depois dos conflitos do séc. XIX, as invasões francesas, a revolução liberal, a guerra civil e as revoltas populares contra a capital, há uma retoma do comércio. É inaugurada a primeira linha de carris de ferro e a ponte D. Maria que garantiram uma boa rede de transportes, possibilitando o desenvolvimento para oriente.

Nos anos 70 a construção do caminho de ferro e da linha “Americano” em 1872, originaram a construção da Estação da Boavista em 1873, e em 1874 a construção da Estação da recolha de veículos da Companhia de Carris de Ferro (Remise), substituindo o “Americano” pelo elétrico em 1894.



Figura 56 - Antiga Estação de Eléctricos Remise na Boavista



Figura 57 - Avenida da Boavista entre 1885-1932, Hospital Militar e os carris de ferro

Resultado da evolução industrial, surgiram na cidade algumas grandes fábricas, embora a maioria fosse fábricas de menor dimensão, oficinas de caráter familiar e lojas. No séc. XIX o Porto industrial cresce para uma cidade administrativa, crescendo para a periferia. Os primeiros planos de reconstrução urbanística a nível da circulação, surgiram na primeira metade do séc., só sendo aplicados com os Planos Reguladores de Antão Almeida Garrett em 1952, e o Plano Diretor de Robert Auzelle em 1962.

O plano de Robert Auzelle surge como um plano urbanista de melhoramento do plano de Antão Almeida Garrett, com o objetivo de pôr fim aos problemas que se foram criando ao longo da metade do séc. XX, como uma renovação e melhoria das condições da malha urbana tanto no centro histórico como nas áreas de expansão, a criação de novas áreas residenciais que façam diminuir os efeitos da crise da habitação, principalmente a habitação social.



Figura 58 - Plano Diretor da Cidade do Porto, Robert Auzelle 1962

Na segunda metade do séc. XX a Rotunda da Boavista começa a sofrer mudanças significativas, com a apresentação do plano de Robert Auzelle, que inicia uma fase importante no planeamento da cidade. Ele apresenta como uma das propostas centrais a criação de uma nova entrada a Sul da cidade, que resultou na edificação de uma ponte rodoviária. A inauguração da Ponte da Arrábida e uma primeira porção da autoestrada em 1963, permitiram um novo acesso a área da Boavista, tornando-a mais acessível reforçando a criação de um centro urbano na zona.



Figura 59 - Foto Aérea da zona da Arrábida em 1958

Após a abertura da Ponte da Arrábida, inicia-se uma etapa decisiva para a formação urbana e funcional da Praça Mouzinho de Albuquerque, que desde a construção do Mercado Bom Sucesso em 1952 demonstra ser uma área com tendência para a expansão do setor comercial e de serviços, enfatizando a centralidade da rotunda em 1974 com a construção do primeiro centro comercial do Porto, o Brasília.



Figura 60 - Centro Comercial Brasília

Nos anos 80 é fortalecida a centralidade da praça e de toda a avenida, através da criação de várias unidades no centro administrativo, como empresas, escritórios, serviços do governo e cadeias de hotéis de luxo.

As variações formais e arquitetônicas na Avenida foram bastante influenciadas pela publicação de lei de propriedade horizontal em 1955, que afetou a escala dos projetos na década de 60.

A lei da propriedade horizontal originou transformações no desenho urbano da cidade, inicialmente aumentando a dimensão das edificações, tanto na malha da cidade tradicional como nas da periferia. Promoveu também o desenvolvimento da iniciativa privada perante a habitação coletiva, deixando de ser realizada somente perante iniciativas públicas, como era habitual.

O eixo da Boavista é um dos exemplos onde o efeito desta legislação foi bastante evidente, sendo perceptível a diferença entre a dimensão dos edifícios e o aumento da sua quantidade, após a publicação da lei da propriedade horizontal.

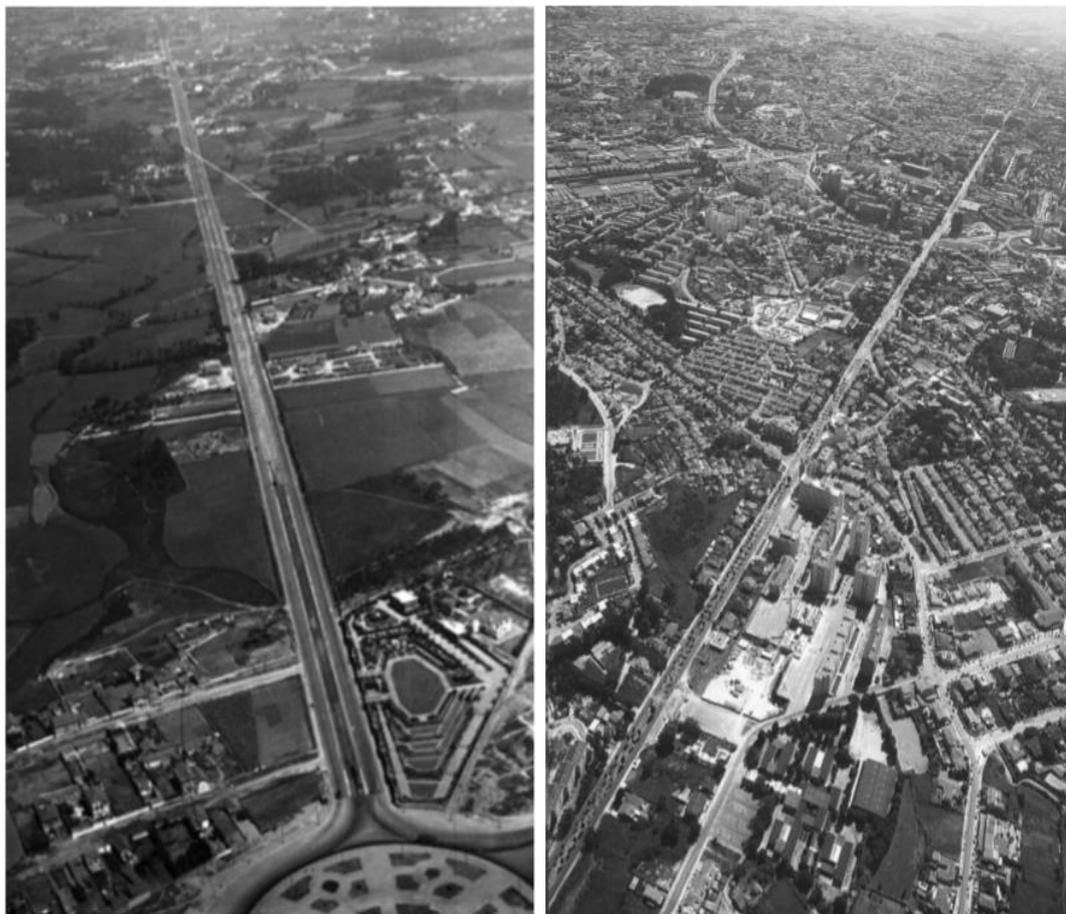


Figura 61 - Crescimento da Avenida da Boavista

A mudança de escala na Avenida da Boavista foi mais evidente a partir da década de 60 do séc. XX, sendo visível na volumetria dos edifícios que facilitavam um maior número de parcelas pertencentes a diferentes proprietários.

A desativação de diversas edificações industriais existentes ao lado poente da avenida, também foi um fator que contribuiu para o aumento dos edifícios de habitação coletiva. Os lotes destes complexos industriais por pertencerem a um único proprietário, facilitou a construção em grandes áreas de implantação e em grande escala.

O segmento da implantação do projeto desenvolvido na cadeira de projeto 5.1 situado entre o início da Rua do Tenente Valadim e Rua Beato Inácio de Azevedo, representa a importância destas desativações.



Figura 62 - Avenida da Boavista em 1993

5.2 Análise do Nó Rodoviário do Foco

A área do Foco é caracterizada pela presença de diferentes tipos de edifícios, que entre eles estabelecem uma relação das suas tipologias com as diferentes escalas. Aqui encontram-se edifícios administrativos, hoteleiros, comerciais e escritórios em contraste com edifícios residenciais e espaços por construir, isto faz com que possua uma maior escala dando a sensação de percorrer uma cidade diferente.

Tudo isso é reforçado pela proximidade das áreas residenciais diluídas pelos campos, e pela facilidade de implantar grandes volumetrias devido a inexistência de limitações dos terrenos, ao contrário do centro da cidade. Situa-se numa zona mais próxima e com acessos rápidos aos equipamentos que se encontram na periferia do Porto, como o Porto de Leixões e o Aeroporto Sá Carneiro, contribuindo para um reforço no seu papel como uma nova centralidade, tornando assim a Boavista como um núcleo de rápida expansão e forte concentração de atividade económica.



Figura 63 - Imagem aérea do Foco, 2019

A ocupação territorial inicialmente segue uma lógica de substituição, começando a construir em espaços abandonados, deixados livres ou de antigas fábricas, como é o caso da Urbanização do Foco que foi erguida nos terrenos da antiga fábrica de William Graham, junto a Avenida da Boavista. Na época este tipo de construção habitacional era considerado um luxo, comparado ao que de melhor se faz atualmente a nível de condomínios para classes cosmopolitas.

Localizado ao lado das ligações norte/sul do país e próximo a zona da Foz, o parque residencial da Boavista sintetiza a obra do arquiteto Agostinho Ricca. O conjunto é formado por 10 volumetrias, que interagem com o espaço público dos jardins, ruas, passeios, percursos pedonais, atravessamentos e estacionamento.

Este espaço é bem conseguido com uma boa transição entre o espaço privado e o público, comparado a outros edifícios no Porto. O programa misto e o enquadramento adotado, permite que mesmo os não moradores se possam dirigir para o local, como se fosse uma extensão da cidade.

Trata-se de um conjunto com um jogo de volumes e planos, criando uma espécie de cidadela onde os terraços, os jardins e as piscinas criam um ponto de encontro comunitário. As moradias, os escritórios, o hotel e o clube incorporam elementos de refúgio.



Figura 64 - Parque Residencial da Boavista na década de 1970

A igreja de Nossa Senhora da Boavista integra um jogo de luz entre claro e escuro, com cores vibrantes rematando este conjunto de implantações urbanas inseridos no parque ajardinado, edificada em conjunto com o Centro Paroquial.



Figura 65 - Igreja de Nossa Senhora da Boavista

O projeto do complexo habitacional adota um modelo que vai além dos próprios edifícios e dos bairros de habitação, tornando-se na solução adotada nas cidades em massa, levando ao surgimento de peças soltas por toda a área que acaba por criar uma norma para o local.

Neste complexo presencia-se ao afastamento dos elementos da cidade tradicional, o quarteirão fechado e a rua corredor, passando a existir uma urbanização rodeada de áreas verdes, conforme a estética do movimento moderno.



Figura 66 - Edifícios do Foco antes da construção da Igreja de Nossa Senhora da Boavista

O centro criativo é constituído por uma piscina coberta e uma descoberta, um restaurante e um snack-bar, um dancing que integra o club. Na mesma área há um cinema, que pode funcionar como sala de concertos.

Em exceção dos projetos da Igreja de Nossa Senhora da Boavista e Centro Paroquial, Cinema e Sala de Concertos, todos os restantes edifícios da Urbanização do Foco tiveram a participação dos arquitetos João Serôdio e José Carlos Magalhães Carneiro.

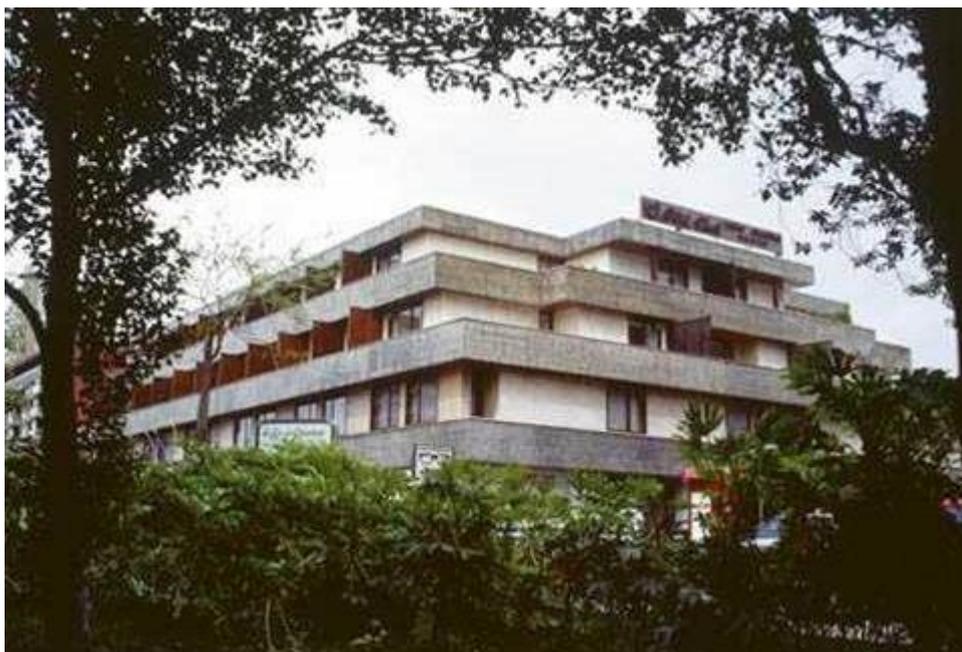


Figura 67 - Exterior do Hotel Tivoli no Foco

Outro edifício marcante na área, é o Edifício Burgo do arquiteto Eduardo Souto Moura. O edifício é um centro de negócios, com escritórios, empresas e lojas, composto por dois volumes de diferentes escalas, um vertical e outro horizontal, que estabelecem uma relação de diálogo entre si.

Este edifício representa um exemplo de interligação de escalas discrepantes, que apesar das duas diferenças volumétricas, são lidos de forma contínua integrando-se na envolvente.



Figura 68 - Edifício Burgo, Avenida da Boavista

A área sofreu uma enorme valorização com o aparecimento de novas estruturas físicas, como a da Via Rápida e da Via Norte, a zona industrial de Ramalde e a iniciação da Ponte da Arrábida, permitindo novas aberturas de frentes de urbanização.

5.3 Análise Crítica

A Avenida da Boavista é o resultado da crescente adição de diferentes parcelas construídas ao longo de décadas, e também da vontade de manter uma vista simples e linear, que só após ser consolidada ganhou expressão, que se traduziu numa via de 6km formada por um conjunto diversificado de arquitetura e formas urbanas.

O eixo da Boavista foi construído ao longo de mais de 100 anos, contendo fundamentalmente quatro períodos de construção, sendo a primeira fase iniciada em 1784 e a última concluída em 1917. É considerada a representação da cidade hipermoderna com a coexistência da cidade tradicional da Praça da República, e a cidade nova do Foco. É caracterizada essencialmente pelas suas variações formais e arquitetónicas, representantes da sua construção ao longo de mais de um século, e das transformações efetuadas, resultantes da industrialização da cidade e da expansão da cidade moderna.

Aqui encontra-se uma tipologia mista de uma área urbana de transição, com um contraste entre o antigo e o novo, a diferença de escalas e a diversidade de uso.

O conceito da cidade como uma rede de grandes edifícios e equipamentos visualmente ligados, está presente na rotunda e no Foco apesar das diferentes escalas. O Foco assemelha-se as cidades contemporâneas e as grandes cidades, pois a maior escala dos edifícios espalhados neste espaço assemelha-se a grande escala das metrópoles mundiais.

O Nó Rodoviário do Foco, um espaço mais atual da avenida, um espaço moderno e contemporâneo, representa a cidade atual onde o automóvel na cidade é o tema central, e a escala aumenta como em nenhuma outra área do Porto.



Figura 69 - Vista aérea da Avenida da Boavista

Capítulo VI

Memória Descritiva

Proposta Hotel de 4* na Avenida da Boavista

O programa proposto na unidade curricular de Projeto do 5º ano, consistia na criação de um hotel de 4 estrelas e de um edifício a escolha, nos terrenos localizados na Avenida da Boa Vista. Os terrenos de intervenção são caracterizados por acompanharem o declive das ruas, pela sua separação por um arruamento bastante recente (Rua António Maria de Sena), pela ligação com a Avenida da Boavista e Rua Azevedo Coutinho, e pela linha de água que passa pelo centro dos dois.

A área de intervenção também é caracterizada pela presença dos edifícios do parque residencial do Foco dos arquitetos Agostinho Ricca, João Seródio e José Carlos Magalhães Carneiro, e a torre Burgos do arquiteto Eduardo Souto Moura.

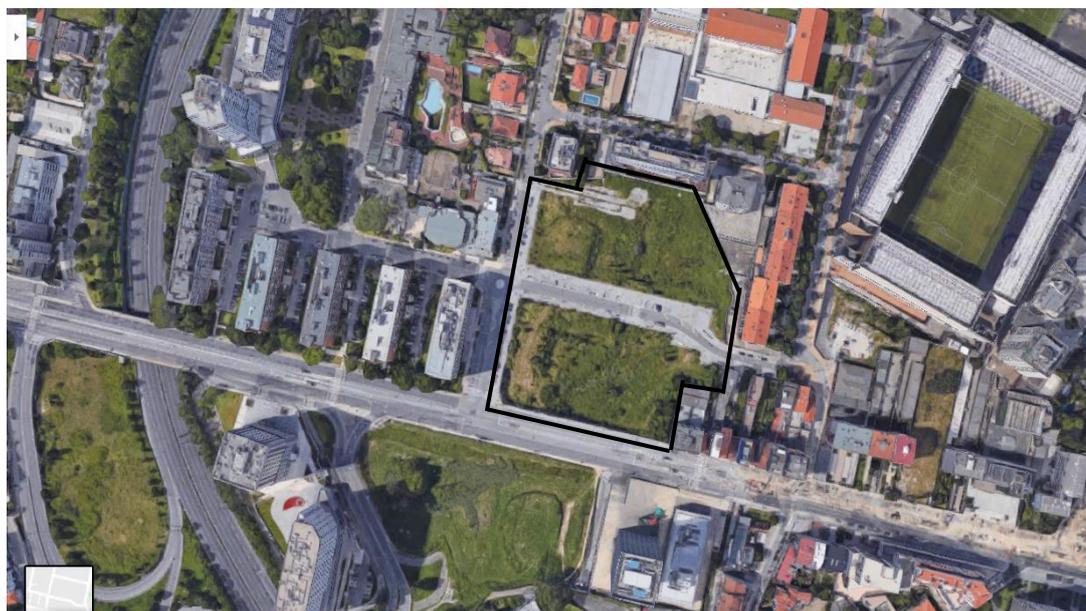


Figura 70 - Vista aérea da Avenida da Boavista 2019

O projeto para o hotel, atribuíu uma área de construção bruta de 10 800 m² que incluía:

- receção/lazer 645 m²
- administração 75 m²
- restaurante 475 m²
- sala de multiusos 705 m²
- quarto duplo 25 m²
- quarto duplo - mobilidade condicionada 25 m²
- suíte 40 m²
- lazer/health club 433 m²
- serviços 337 m²
- estacionamento coberto para 100 viaturas

Após uma análise aos terrenos de intervenção, os objetivos estabelecidos inicialmente eram de implantar os edifícios de modo a resolver as empenas, relacionando-se com as diferentes cotas das ruas e dos edifícios da envolvente, e criar espaços verdes.

Para o edifício de escolha, optou-se por um conjunto habitacional com comércio no piso térreo, implantado no terreno que faz a ligação com a rua António Maria de Sena e a rua Azevedo Coutinho e o hotel no terreno que faz a ligação com a Avenida da Boavista.



Figura 71 - Planta de implantação

O complexo habitacional é constituído por 3 edifícios, sendo os mais altos de habitação esquerdo-direito com comércio no piso térreo, e o de menor escala apenas comércio.

Os edifícios são dispostos de modo a criar um afastamento do muro vizinho, o que resulta na criação de uma rua reservada a entrada dos moradores, e numa praça destinada a área de comércio na Rua António Maria de Sena.



Figura 72 - Implantação do complexo habitacional

Tendo em conta as características da área de intervenção e do projeto proposto para o hotel, a distribuição do programa foi feita com o objetivo de colmatar a Avenida da Boavista, posicionar a entrada pela Rua António Maria de Sena por ser mais reservada, e criar uma área verde de lazer para uso exclusivo do hotel.

Para a implantação do edifício do hotel, procurou-se criar uma separação das áreas públicas com a área dos quartos, optando por uma planta em “A”, que assim como no SAS e no Hotel Intercontinental, encontra-se dividido em 2 volumes, um horizontal onde se distribui todas as áreas públicas, e um vertical com os quartos. A planta em “A” resulta na criação de 2 pátios, um para os hóspedes e outro de serviço.

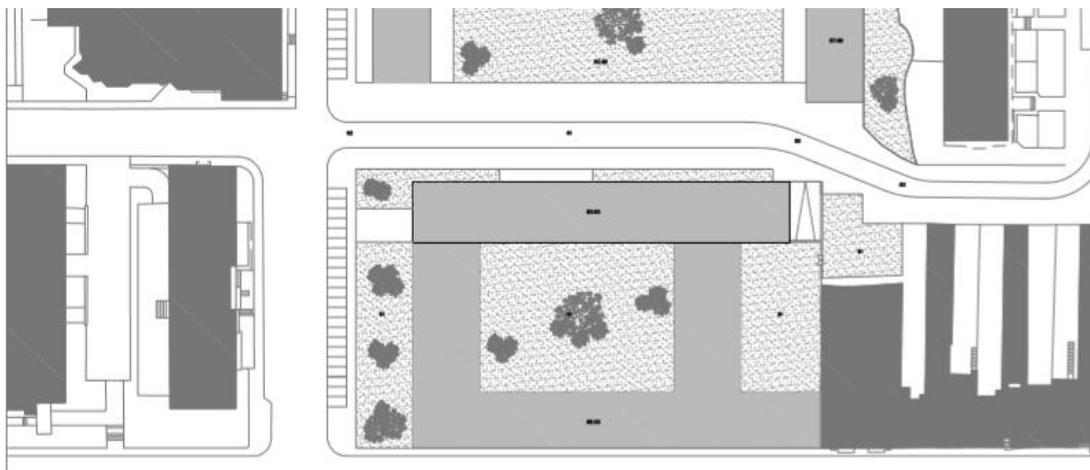


Figura 73 - Implantação do hotel

O piso térreo distribuído em galeria, mantém ligação de todos os espaços públicos com o jardim. Ao entrar o hospede é conduzido a área dos elevadores, que por si conduzem a recepção e a sala de estar, e a partir dali o hospede poderá conduzir-se ao restaurante que também liga ao bar e a sala de jogos.

A sala de conferências e a sala de multiusos, posicionadas próximas a entrada, facilitam o acesso a pessoas externas que venham participar em exposições realizadas no hotel. As áreas de serviço encontram-se posicionadas nos extremos do edifício, evitando o contato com os hóspedes.

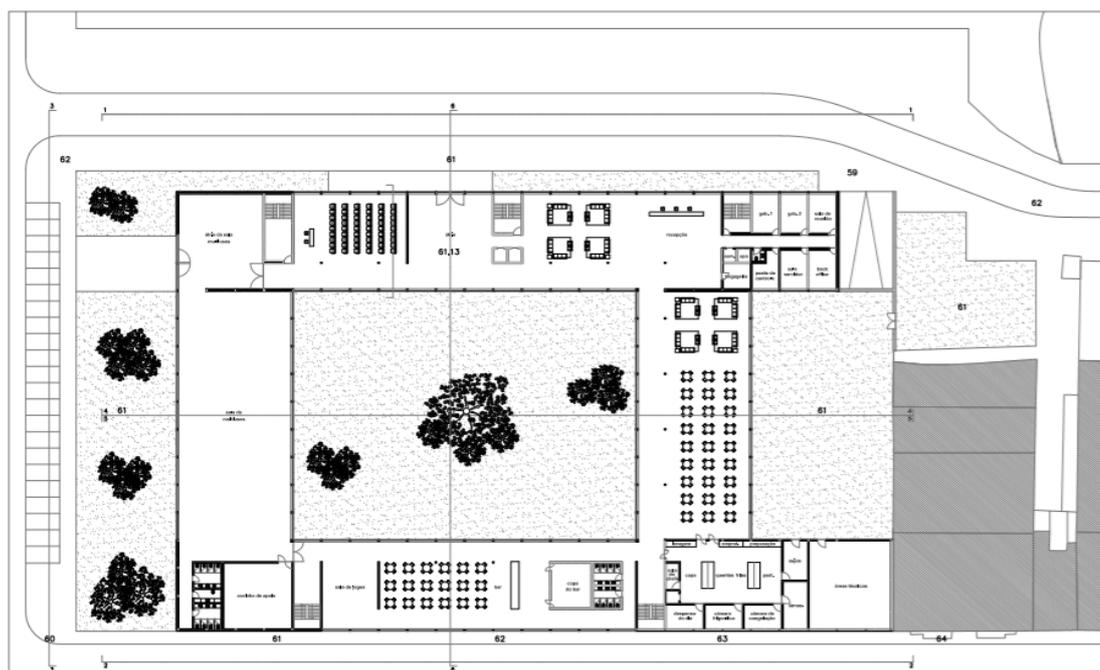


Figura 74 - Planta do piso 0

O piso dos quartos com circulação central, é acedido pelos elevadores posicionados a entrada. Os quartos são módulos iguais que se repetem ao longo dos pisos, e todos os pisos tem uma copa com o elevador de serviço, e um elevador que faz ligação com a área de lazer/healthclub.

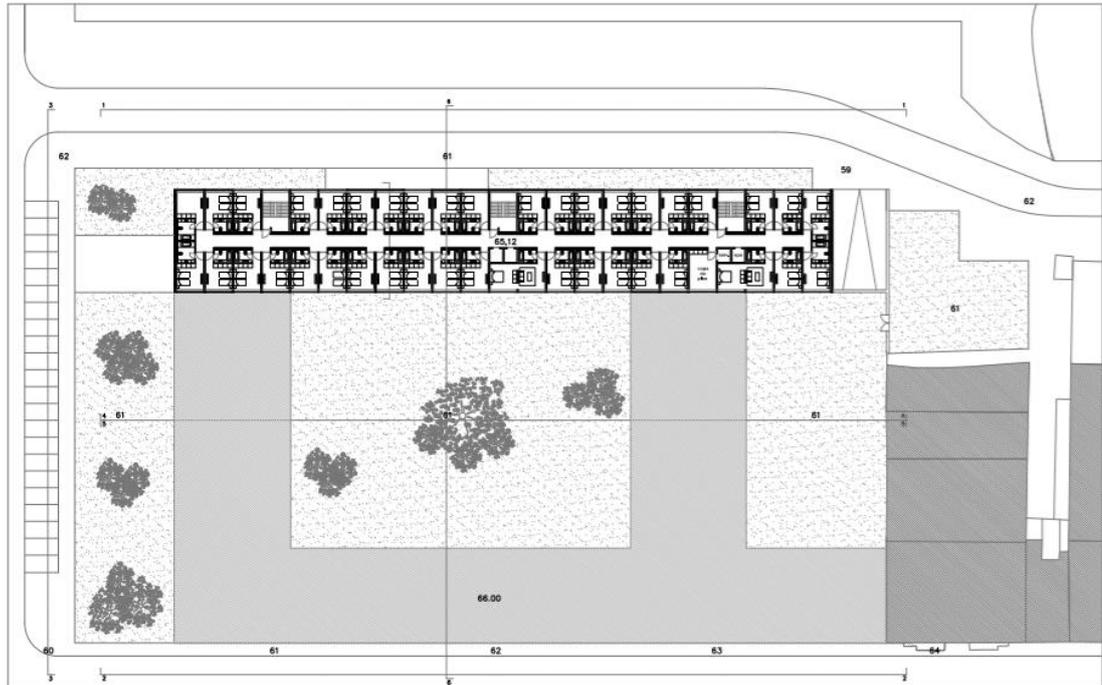


Figura 75 - Planta do piso dos quartos

Os quartos seguem uma organização standard a que estamos habituados a ver nos quartos de hotéis, tem um hall de entrada que funciona como um espaço transitório, dando acesso a casa de banho e a área do quarto.

Da passagem do hall para o quarto, o hospede depara-se com a vista da janela que se abre de parede a parede no alinhamento da cabeceira da cama, fazendo a iluminação do espaço. A sua direita/esquerda tem um armário onde pode poisar as malas e guardar as roupas.

A cama é centralizada no espaço paralela a janela, e o aquecimento é feito por um radiador posicionado no teto ao pé da janela.



Figura 76 - Módulo do quarto standard

O piso -1 contém uma área de estacionamento para cerca de 100 viaturas, e a área de lazer/healthclub. A área do spa é toda enterrada apenas com iluminação artificial, e é acedida por um elevador que liga diretamente com os quartos, não tendo qualquer ligação com o piso 0.

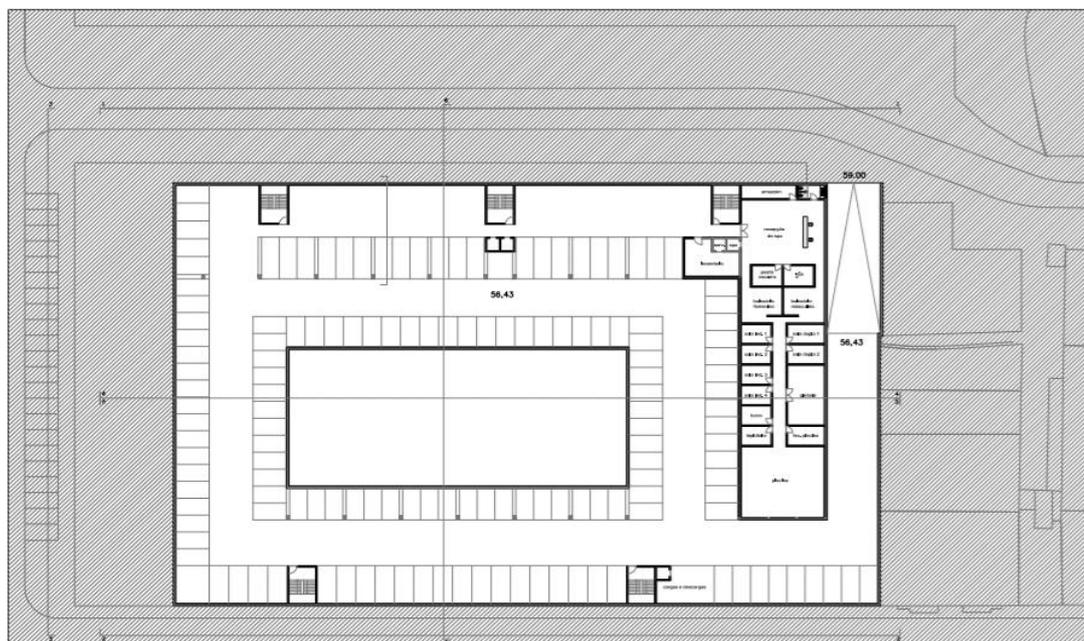


Figura 77 - Planta do piso -1

O hotel apresenta uma combinação de diferentes materialidades, diferenciando-se da dos edifícios da envolvente. A estrutura em betão criada a partir de uma métrica, define tanto os espaços do hotel como a fachada, e os pilares posicionados nas fachadas dão uma maior liberdade na divisão dos espaços.

Nos alçados, com exceção do vidro dos vãos, as placagens pré-fabricadas de betão são os únicos elementos que a compõe. No interior as paredes em tijolo, são revestidas com argamassa e pintadas em tons de bege claro, refletindo a luz que entra no espaço dando a sensação de ampliação.

Os pavimentos das zonas de estar e circulação são em lajetas de mármore cinza, e dos quartos em madeira com exceção da casa de banho em azulejo. O mobiliário é todo em madeira, com exceção do balcão da receção que é revestido em mármore.

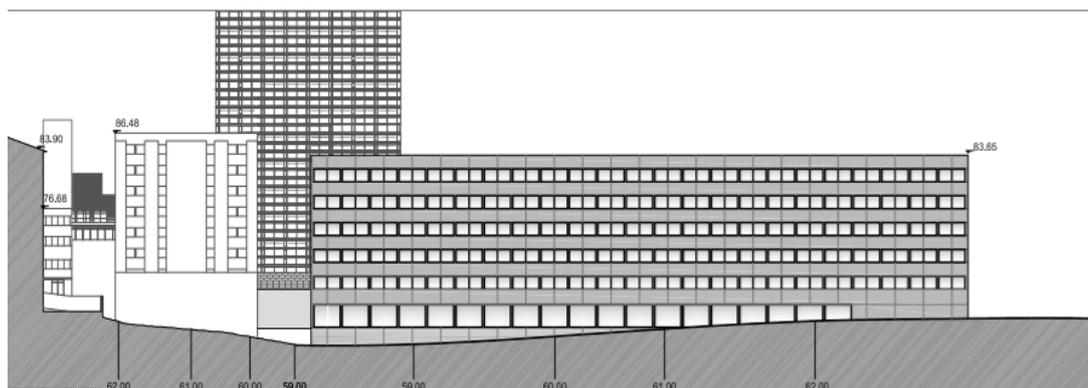


Figura 78 - Corte 1

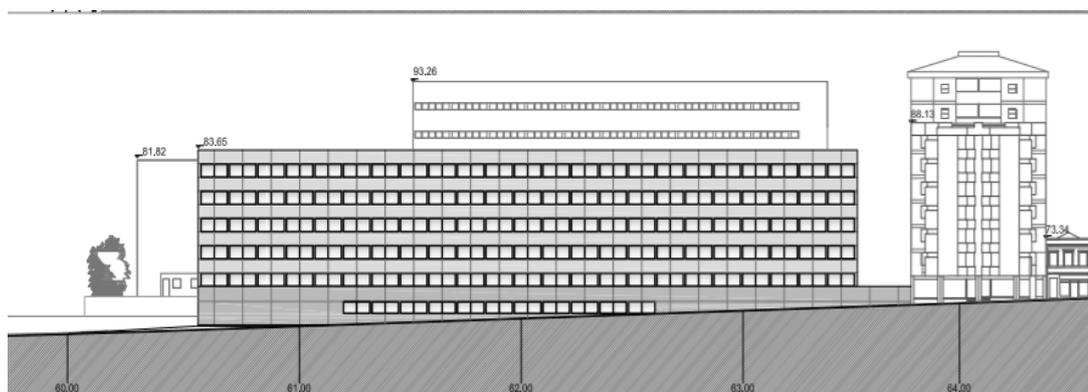


Figura 79 - Corte 2

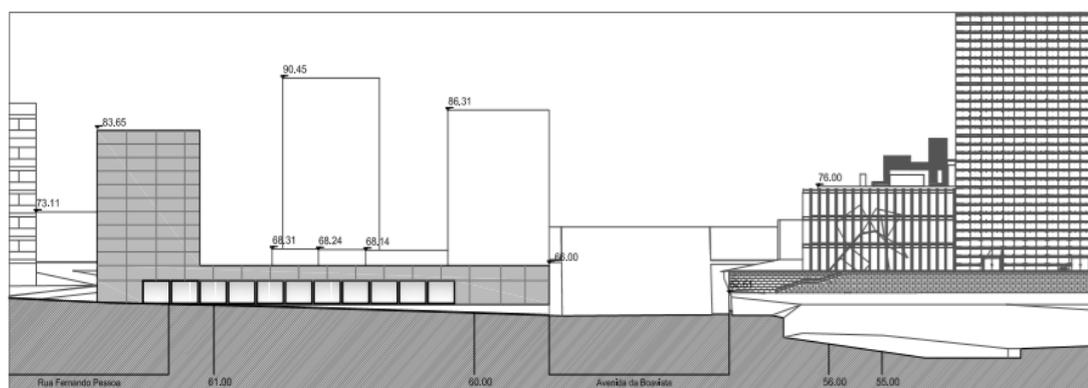


Figura 80 - Corte 3

Pela localização do hotel numa área com uma variada diferença de cotas, teve-se o cuidado de posicionar as 2 entradas, a entrada principal do hotel e a da sala de multiusos, em pontos permitissem a ligação direta com a rua.

O percurso traçado na entrada principal, faz ligação direta com a Rua António Maria de Sena, e a da entrada para a sala de multiusos, feita em rampa, une a cota da entrada com a Rua de Azevedo Coutinho.

O hotel, como já referido, possui 2 tipos de circulação, em galeria no piso 0 e central no piso dos quartos. Os acessos verticais são feitos por 3 escadas, 2 laterais de emergência e uma central próxima a caixa dos elevadores.

No total existem 5 elevadores, 2 centrais de acesso aos quartos e a garagem, 2 de serviço e uma de ligação com o spa. Em outra extremidade do piso 0, existe também outras 2 escadas de emergência de acesso a garagem.

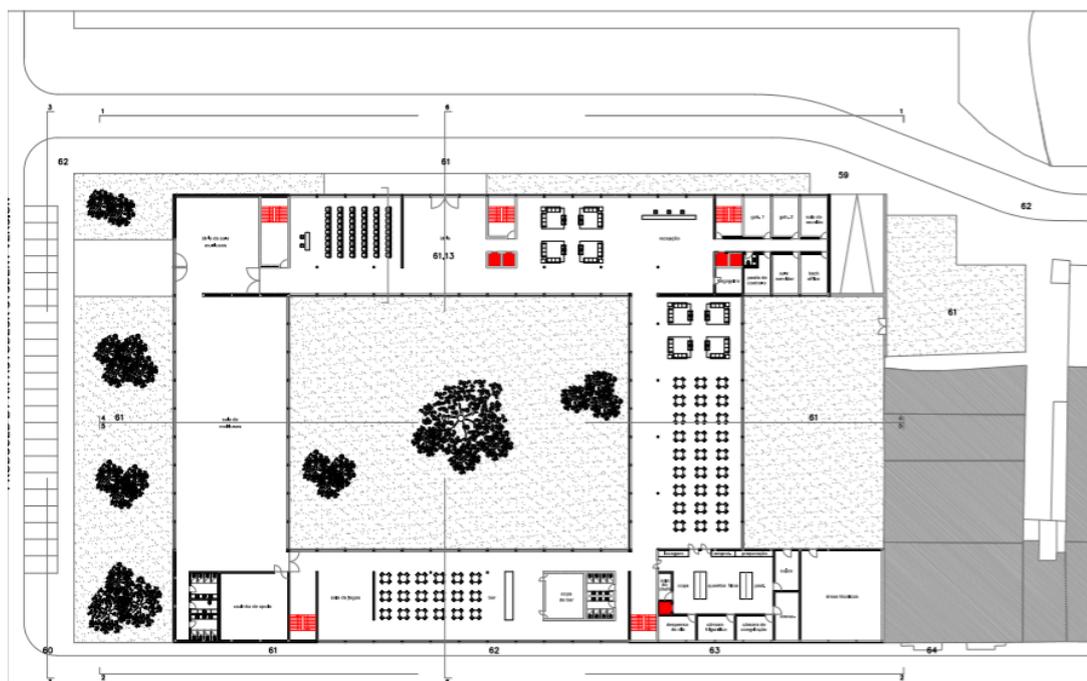


Figura 81 - Planta dos acessos verticais

Os percursos em pedra traçados nas entradas do hotel, são delimitados recorrendo ao uso de vegetação. A fachada da sala de multiusos é toda arborizada, criando a sensação de espaço verde infinito como se conecta-se com o pátio interno.

O piso dos pátios, de serviço e de uso dos hóspedes é todo relvado, mas apenas o dos hóspedes era arborizada. No pátio dos hóspedes, a arborização é toda centralizada devido ao posicionamento da garagem.



Figura 82 - Planta dos arranjos exteriores

Considerações finais

Com a crescente mobilidade das pessoas causada pelo turismo, dormir e comer fora de casa tornaram-se formas típicas de vida dos nossos tempos, o que acaba por converter para muitas pessoas a estadia em hotéis numa necessidade.

Desta forma o quarto como elemento chave do hotel, passa a ser concebido de modo a satisfazer as necessidades dos hóspedes, libertando-se do seu caráter inicial de caixa de dormir, tornando-se num espaço habitável.

Considerando o quarto como elemento chave do hotel, o desenvolvimento da presente dissertação centrou-se na análise do seu desenho, procurando perceber a sua composição e funcionamento. Para tal, foi importante perceber o sistema de classificação dos hotéis e como isso afetava a área do quarto, conjugando com uma análise a um grupo de casos de estudo que ajudassem a perceber de forma prática o desenho dos quartos.

Um dos casos de estudo apresentado, o Sanatório de Paimio de Alvar Aalto, apesar de não ser um hotel, demonstra o processo de desenvolvimento dos quartos, ajudando a perceber as diferentes etapas no seu desenho. As experiências realizadas pelo arquiteto evoluindo a cor, a luz, o aquecimento, etc. ajudam a compreender a importância da relação do indivíduo com o seu espaço.

Através da análise das diferentes referências arquitetónicas, pode-se constatar que a maioria dos hotéis seguem a mesma abordagem funcional e padronizada dos quartos. O espaço é simples e de fácil compreensão, incluindo na sua área limitada tudo o que o hóspede necessita durante a sua estadia temporária.

É desenvolvido em torno do hall, que desempenha o papel de transição e separação dos espaços, funcionando como uma unidade de junção entre a área de dormir e de estar. Este tipo de organização permite estabelecer uma medida mínima a cada quarto, que depois é multiplicado pelo edifício, em módulos iguais ou semelhantes.

A proposta para o Hotel na Avenida da Boavista, semelhante aos casos de estudo, procura conciliar um espaço de repouso com um espaço de lazer, seguindo a organização espacial standard dos quartos de hotéis. Aqui o quarto usa o hall como um espaço transitório, que dá acesso a casa de banho e ao quarto, que permite criar a passagem de uma aérea mais contida e escura (hall) para um espaço mais amplo e cheio de luz (quarto), proporcionado pela janela de parede a parede, que cria a sensação de uma vista infinita.

Bibliografia

- NORRI, Marja-Riitta. *Alvar Aalto em sete edifícios: Interpretações do trabalho de um arquiteto*. Helsinquia: Museu de Arquitectura Finlandesa, 1999.
- IOVINO, Renato; FASCIA, Flavia. *Alvar Aalto: architettura e tecnica*. Napole: Clean, 1992.
- Alvar Aalto: Band I 1922 – 1962*. Zurique: Editions d'Architecture Artemis, 1963.
- SCHILD, Goran; BINHAM, John. *Alvar Aalto: Masterworks*. Otava: Otava Publisher, 1998.
- SOLAGUREN-BEASCOA, Felix; THOMSON, Graham (trad.). *Arne Jacobsen: Works and Projects*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A., 1989.
- THAU, Carsten; VINDUM, Kjeld. *Arne Jacobsen*. 2ª Edição. Copenhagen, Dinamarca: Arkitektens Forlag/The Danish Architectural Press, 2001.
- SOLAGUREN, Felix; ROQUETA, Santiago. *Arne Jacobsen: Design Classics*. Barcelona: Santa e Cole, 1991.
- RIEWOLDT, Otto; HUDSON, Jennifer (coord.). *Hotel Design*. Londres: Laurence King, 1998.
- BONIFACE, Priscilla. *Hotels & Restaurants: 1830 to the presente day*. Londres: Royal Commission on Historical Monuments England, 1981.
- WEISSKAMP, Herbert. *Hotels – International*. 1975
- PETERS, Paulhans. *Hoteles y Colonias Veraniegas*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A., D.L. 1974.
- GEISERT, Helmut; FISHER, Flora. *Aldo Rossi: architect/Conception*. Londres: Academy, 1994.
- BRANDOLISIO, Marco. *Aldo Rossi: disegni*. Milão: Federico Motta Ed., 1999.
- CELANT, Germano. *Aldo Rossi: drawings*. Milão: Skira, 2008.
- BRAGHERI, Gianni. *Aldo Ross: obras y proyectos*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1997.
- FITOUSSI, Brigitte. *Hôtels*. Paris: Moniteur, 1992.
- MONEO, Rafael. *Inquietud teórica y estrategia proyectual: en la obra de ocho Arquitectos contemporâneos*. Barcelona: Actar, 2004.
- SANTOS, Gael Philippe Machado. *Avenida da Boavista: o início e o fim*. Porto: FAUP, 2012.
- CUNHA, Maria Manuel dos Reis. *Boavista, uma avenida na história da cidade: o contributo da análise de variâncias e permanências para as estratégias de intervenção*. Porto: FAUP, 2017.

Índice de Imagens

Tabela 1 – Classificação do Hotel	5
Fonte: Elaboração Própria	
Figura 1 - Century Plaza Hotel, Los Angeles, Califórnia	6
Fonte: WEISSKAMP, Herbert. <i>Hotels – International</i> . 1975	
Figura 2 - Quarto padrão do Hotel Viena Intercontinental, Carl Appel	7
Fonte: WEISSKAMP, Herbert. <i>Hotels – International</i> . 1975	
Figura 3 - Quartos standard do Hotel Hilton em Washington, do arquiteto William B. Tabler	8
Fonte: WEISSKAMP, Herbert. <i>Hotels – International</i> . 1975	
Figura 4 - Planta de um quarto de solteiro e um quarto duplo no Hotel de França, Conacri dos arquitetos Lagneau, Weill, Dimitrijevic e Associados	8
Fonte: WEISSKAMP, Herbert. <i>Hotels – International</i> . 1975	
Figura 5 - Vista aérea, Sanatório de Paimio	11
Fonte: http://cgaleno.blogspot.com/2014/09/alvar-aalto-arquitectura-organica-arte.html Data: 10-10-2019	
Figura 6 - Implantação, Sanatório de Paimio	12
Fonte: NORRI, Marja-Riitta. <i>Alvar Aalto em sete edifícios: Interpretações do trabalho de um arquitecto</i> . Helsinquia: Museu de Arquitectura Finlandesa, 1999.	
Figura 7 - Plantas, Sanatório de Paimio	13
Fonte: NORRI, Marja-Riitta. <i>Alvar Aalto em sete edifícios: Interpretações do trabalho de um arquitecto</i> . Helsinquia: Museu de Arquitectura Finlandesa, 1999.	
Figura 8 - Entrada, Sanatório de Paimio	14
Fonte: https://thespaces.com/paimio-sanatorium-for-sale/4/ Data: 26-10-2019	
Figura 9 - Vista do quarto, Sanatório de Paimio	15
Fonte: https://www.flickr.com/photos/leonl/5687572121 Data: 26-10-2019	
Figura 10 - Vistas do átrio, Sanatório de Paimio	15
Fonte: https://archinect.com/news/article/150068024/alvar-aalto-s-paimio-sanatorium-is-now-for-sale Data: 10-10-2019	
Figura 11 - Cadeiras de Paimio, Sanatório de Paimio	16
Fonte: https://www.alvaraalto.fi/en/architecture/paimio-sanatorium/ Data: 26-10-2019	
Figura 12 - Vista exterior, Sanatório de Paimio	17
Fonte: https://www.alvaraalto.fi/en/architecture/paimio-sanatorium/ Data: 26-10-2019	
Figura 13 - Vista exterior, Youth Hostel	17

Fonte: http://www.ashihara.jp/da/html/work0101eb_nikko_youth_hostel.htm Data: 10-10-2019	
Figura 14 - Planta geral, Youth Hostel	18
Fonte: http://www.ashihara.jp/da/html/work0101eb_nikko_youth_hostel.htm Data: 10-10-2019	
Figura 15 - Corte longitudinal, Youth Hostel	18
Fonte: WEISSKAMP, Herbert. <i>Hotels – International</i> . 1975	
Figura 16 - Vista da entrada, Youth Hostel	19
Fonte: https://germanpostwarmodern.tumblr.com/post/172439615706/youth-hostel-1958-59-in-nikko-japan-by Data: 10-10-2019	
Figura 17 - Vistas exteriores, Youth Hostel	19
Fonte: http://japanpropertycentral.com/2016/06/sony-to-demolish-iconic-ginza-building-in-2017/ Data: 10-10-2019	
Figura 18 - Vista da varanda dos quartos, Youth Hostel	19
Fonte: http://www.ashihara.jp/da/html/work0101eb_nikko_youth_hostel.htm Data: 10-10-2019	
Figura 19 - Sala de estar, Youth Hostel	20
Fonte: http://www.ashihara.jp/da/html/work0101eb_nikko_youth_hostel.htm Data: 10-10-2019	
Figura 20 - Vista exterior, SAS Hotel	21
Fonte: https://www.architecturaldigest.com/story/sas-royal-radisson-blu-arne-jacobsen-space-copenhagens-renovation Data: 17-10-2019	
Figura 21 - Implantação, SAS Hotel	22
Fonte: THAU, Carsten; VINDUM, Kjeld. <i>Arne Jacobsen</i> . 2ª Edição. Copenhagen, Dinamarca: Arkitektens Forlag/The Danish Architectural Press, 2001.	
Figura 22 - Corte, SAS Hotel	23
Fonte: SOLAGUREN-BEASCOA, Felix; THOMSON, Graham (trad.). <i>Arne Jacobsen: Works and Projects</i> . Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A., 1989.	
Figura 23 - Vista exterior, SAS Hotel	24
Fonte: https://www.booking.com/hotel/dk/radisson-sas-royal.pt-pt.html Data: 17-10-2019	
Figura 24 - Vistas do lobby, SAS Hotel	25
Fonte: https://www.architecturaldigest.com/story/sas-royal-radisson-blu-arne-jacobsen-space-copenhagens-renovation Data: 17-10-19	
Figura 25 - Vista do bar, SAS Hotel	25

Fonte: https://www.booking.com/hotel/dk/radisson-sas-royal.pt-pt.html Data: 17-10-2019	
Figura 26 - Vista da escada, SAS Hotel	26
Fonte: https://www.booking.com/hotel/dk/radisson-sas-royal.pt-pt.html Data: 17-10-2019	
Figura 27 - Vista da escada, SAS Hotel	27
Fonte: https://www.booking.com/hotel/dk/radisson-sas-royal.pt-pt.html Data: 17-10-2019	
Figura 28 - Planta do piso dos quartos, SAS Hotel	27
Fonte: WEISSKAMP, Herbert. <i>Hotels – International</i> . 1975	
Figura 29 - Vista exterior, Hotel Intercontinental, Frankfurt	28
Fonte: http://informesdelaconstruccion.revistas.csic.es/index.php/informesdelaconstruccion/article/viewFile/4172/4810 Data: 20-10-2019	
Figura 30 - Planta da garagem, Hotel Intercontinental, Frankfurt	29
Fonte: http://informesdelaconstruccion.revistas.csic.es/index.php/informesdelaconstruccion/article/viewFile/4172/4810 Data: 20-10-2019	
Figura 31 - Entrada principal coberta, Hotel Intercontinental, Frankfurt	30
Fonte: http://informesdelaconstruccion.revistas.csic.es/index.php/informesdelaconstruccion/article/viewFile/4172/4810 Data: 20-10-2019	
Figura 32 - Vista da receção e do lobby, Hotel Intercontinental, Frankfurt	30
Fonte: http://informesdelaconstruccion.revistas.csic.es/index.php/informesdelaconstruccion/article/viewFile/4172/4810 Data: 20-10-2019	
Figura 33 - Vista do restaurante principal, Hotel Intercontinental, Frankfurt	31
Fonte: http://informesdelaconstruccion.revistas.csic.es/index.php/informesdelaconstruccion/article/viewFile/4172/4810 Data: 20-10-2019	
Figura 34 - Planta do piso 1, Hotel Intercontinental, Frankfurt	32
Fonte: http://informesdelaconstruccion.revistas.csic.es/index.php/informesdelaconstruccion/article/viewFile/4172/4810 Data: 20-10-2019	
Figura 35 - Plantas dos pisos dos quartos, Hotel Intercontinental, Frankfurt	32
Fonte: http://informesdelaconstruccion.revistas.csic.es/index.php/informesdelaconstruccion/article/viewFile/4172/4810 Data: 20-10-2019	
Figura 36 - Planta do quarto, Sanatório de Paimio	34
Fonte: IOVINO, Renato; FASCIA, Flavia. <i>Alvar Aalto: architettura e tecnica</i> . Napole: Clean, 1992.	
Figura 37 - Vistas do quarto, Sanatório de Paimio	35
Fonte: https://thespaces.com/paimio-sanatorium-for-sale/2/ Data: 10-10-2019	
Figura 38 - Vista do quarto, Sanatório de Paimio	35

Fonte: https://www.alvaraalto.fi/en/architecture/paimio-sanatorium/ Data: 26-10-2019	
Figura 39 - Planta geral, Youth Hostel	36
Fonte: http://www.ashihara.jp/da/html/work0101eb_nikko_youth_hostel.htm Data: 10-10-2019	
Figura 40 - Esquema de organização do quarto, Youth Hostel	37
Fonte: Elaboração própria	
Figura 41 - Esquema de organização do quarto, proposta Hotel Avenida da Boavista	37
Fonte: Elaboração própria	
Figura 42 - Planta dos quartos, SAS Hotel	38
Fonte: https://de.phaidon.com/agenda/design/picture-galleries/2010/august/16/room-606/ Data: 17-10-2019	
Figura 43 - Vistas do quarto, SAS Hotel	38
Fonte: https://de.phaidon.com/agenda/design/picture-galleries/2010/august/16/room-606/ Data: 17-10-2019	
Figura 44 - Vistas do quarto, SAS Hotel	39
Fonte: https://de.phaidon.com/agenda/design/picture-galleries/2010/august/16/room-606/ Data: 17-10-2019	
Figura 45 - Esquema de organização do quarto, SAS Hotel	40
Fonte: Elaboração própria	
Figura 46 - Esquema de organização do quarto, proposta Hotel Avenida da Boavista	40
Fonte: Elaboração própria	
Figura 47 - Piso dos quartos, Hotel Intercontinental	41
Fonte: PETERS, Paulhans. <i>Hoteles y Colonias Veraniegas</i> . Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A., D.L. 1974.	
Figura 48 - Vista do quarto, Hotel Intercontinental	41
Fonte: https://www.nealprincetrust.org/id638.html Data: 26-10-2019	
Figura 49 - Esquema de organização do quarto, Hotel Intercontinental	42
Fonte: Elaboração própria	
Figura 50 - Esquema de organização do quarto, proposta Hotel Avenida da Boavista	42
Fonte: Elaboração própria	
Figura 51 - Cronologia e Crescimento da Avenida da Boavista	44

Fonte: SANTOS, Gael Philippe Machado. *Avenida da Boavista: o início e o fim*. Porto: FAUP, 2012.

Figura 52 - Projeto de continuação da Rua da Boavista 1825 45

Fonte: CUNHA, Maria Manuel dos Reis. *Boavista, uma avenida na história da cidade: o contributo da análise de variâncias e permanências para as estratégias de intervenção*. Porto: FAUP, 2017.

Figura 53 - Plano para continuação da Rua da Boavista 46

Fonte: CUNHA, Maria Manuel dos Reis. *Boavista, uma avenida na história da cidade: o contributo da análise de variâncias e permanências para as estratégias de intervenção*. Porto: FAUP, 2017.

Figura 54 - Planta da Cidade em 1892 (Carta de Teles Ferreira) 46

Fonte: SANTOS, Gael Philippe Machado. *Avenida da Boavista: o início e o fim*. Porto: FAUP, 2012.

Figura 55 - Planta de Teles Ferreira 1892 47

Fonte: CUNHA, Maria Manuel dos Reis. *Boavista, uma avenida na história da cidade: o contributo da análise de variâncias e permanências para as estratégias de intervenção*. Porto: FAUP, 2017.

Figura 56 - Antiga Estação de Elétricos Remise na Boavista..... 48

Fonte: CUNHA, Maria Manuel dos Reis. *Boavista, uma avenida na história da cidade: o contributo da análise de variâncias e permanências para as estratégias de intervenção*. Porto: FAUP, 2017.

Figura 57 - Avenida da Boavista entre 1885-1932, Hospital Militar e os carris de ferro 49

Fonte: CUNHA, Maria Manuel dos Reis. *Boavista, uma avenida na história da cidade: o contributo da análise de variâncias e permanências para as estratégias de intervenção*. Porto: FAUP, 2017.

Figura 58 - Plano Diretor da Cidade do Porto, Robert Auzelle 1962..... 49

Fonte: SANTOS, Gael Philippe Machado. *Avenida da Boavista: o início e o fim*. Porto: FAUP, 2012.

Figura 59 - Foto Aérea da zona da Arrábida em 1958 50

Fonte: SANTOS, Gael Philippe Machado. *Avenida da Boavista: o início e o fim*. Porto: FAUP, 2012.

Figura 60 - Centro Comercial Brasília..... 51

Fonte: SANTOS, Gael Philippe Machado. *Avenida da Boavista: o início e o fim*. Porto: FAUP, 2012.

Figura 61 - Crescimento da Avenida da Boavista 52

Fonte: SANTOS, Gael Philippe Machado. *Avenida da Boavista: o início e o fim*. Porto: FAUP, 2012.

Figura 62 - Avenida da Boavista em 1993..... 53

Fonte: CUNHA, Maria Manuel dos Reis. *Boavista, uma avenida na história da cidade: o contributo da análise de variâncias e permanências para as estratégias de intervenção*. Porto: FAUP, 2017.

Figura 63 - Imagem aérea do Foco, 2019 54

Fonte: <https://www.google.pt/maps/place/Av.+da+Boavista,+Porto/@41.1606413,-8.6469728,629m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xd24658693370e3f0xe4aea934f53ba3f6!8m2!3d41.1624702!4d-8.6559228> Data: 10-10-2019

Figura 64 - Parque Residencial da Boavista na década de 1970..... 55

Fonte: <https://www.publico.pt/2018/01/18/p3/cronica/foco-mais-que-um-predio-um-conjunto-patrimonial-moderno-ameacado-1831517> Data: 10-10-2019

Figura 65 - Igreja de Nossa Senhora da Boavista 55

Fonte: <https://www.viva-porto.pt/dgpc-quer-classificar-igreja-do-foco-no-porto/> Data: 10-10-2019

Figura 66 - Edifícios do Foco antes da construção da Igreja de Nossa Senhora da Boavista..... 56

Fonte: <https://www.publico.pt/2018/01/18/p3/cronica/foco-mais-que-um-predio-um-conjunto-patrimonial-moderno-ameacado-1831517> Data: 10-10-2019

Figura 67 - Exterior do Hotel Tivoli no Foco 57

Fonte: <https://pt.reserving.com/hoteis/europa/portugal/porto/porto/hotel-tivoli-porto> Data: 10-10-2019

Figura 68 - Edifício Burgo, Avenida da Boavista..... 57

Fonte: <https://www.idealista.pt/news/financas/investimentos/2019/06/25/40060-banco-ing-aterra-no-porto-financia-a-varde-partners-na-compra-da-torre-burgo> Data: 10-10-2019

Figura 69 - Vista aérea da Avenida da Boavista 59

Fonte: CUNHA, Maria Manuel dos Reis. *Boavista, uma avenida na história da cidade: o contributo da análise de variâncias e permanências para as estratégias de intervenção*. Porto: FAUP, 2017.

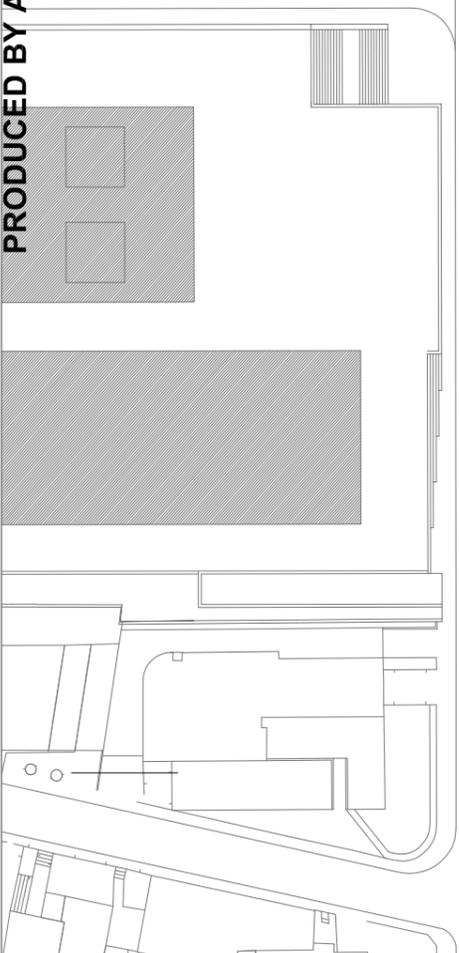
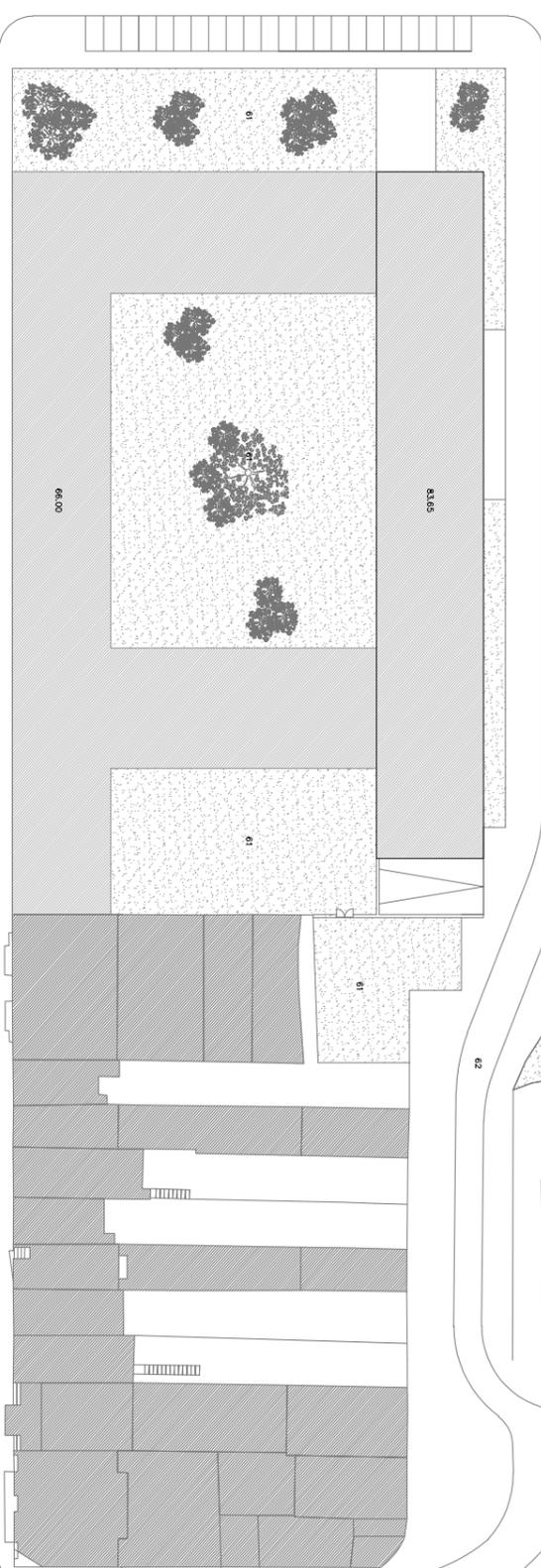
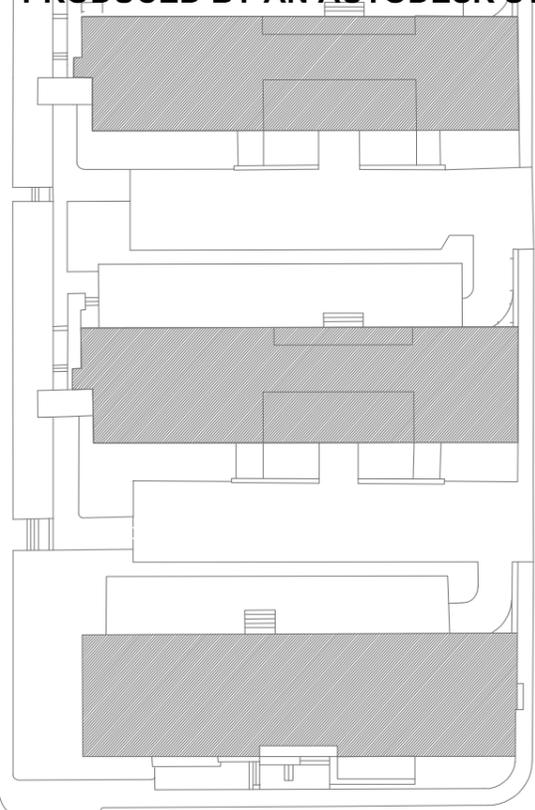
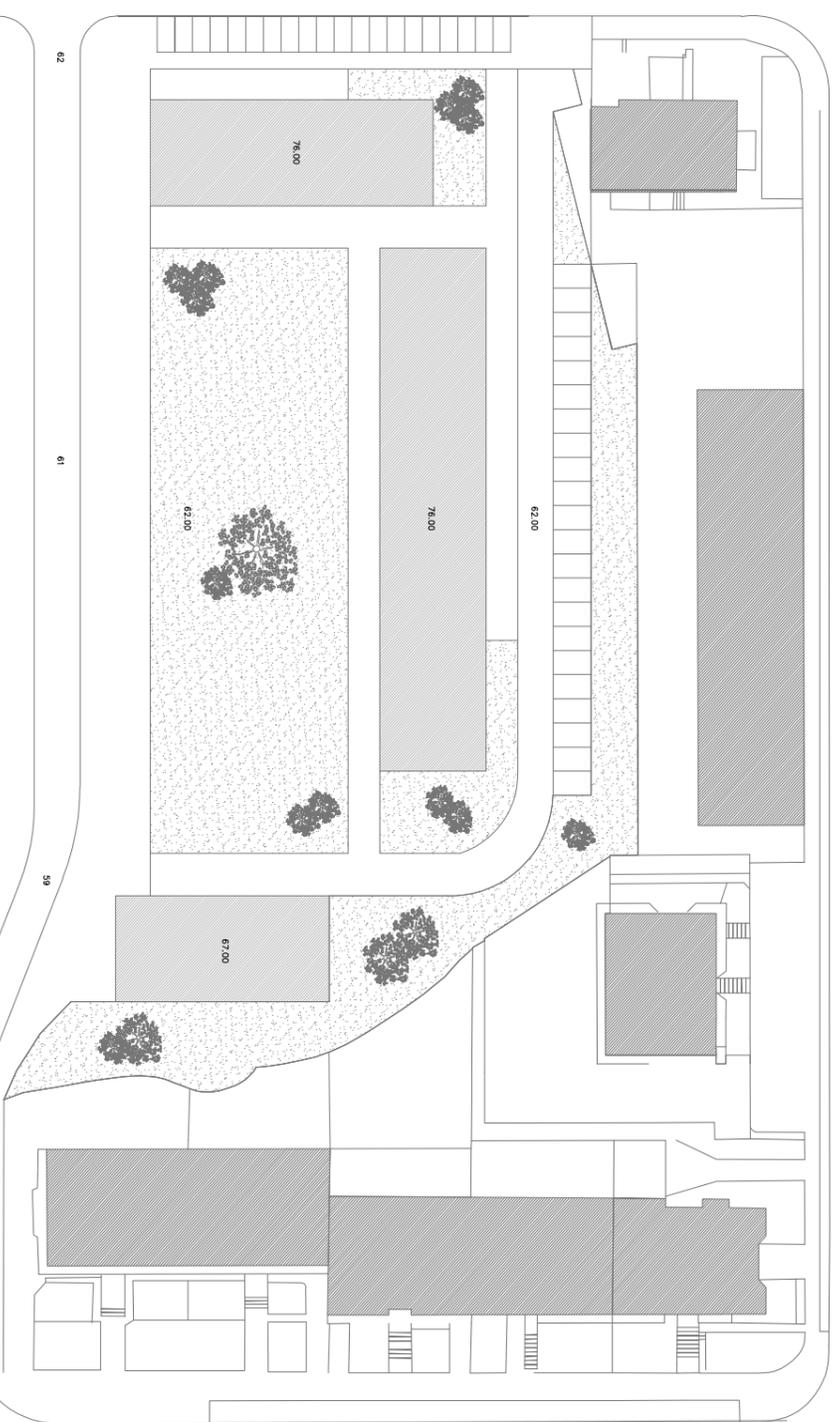
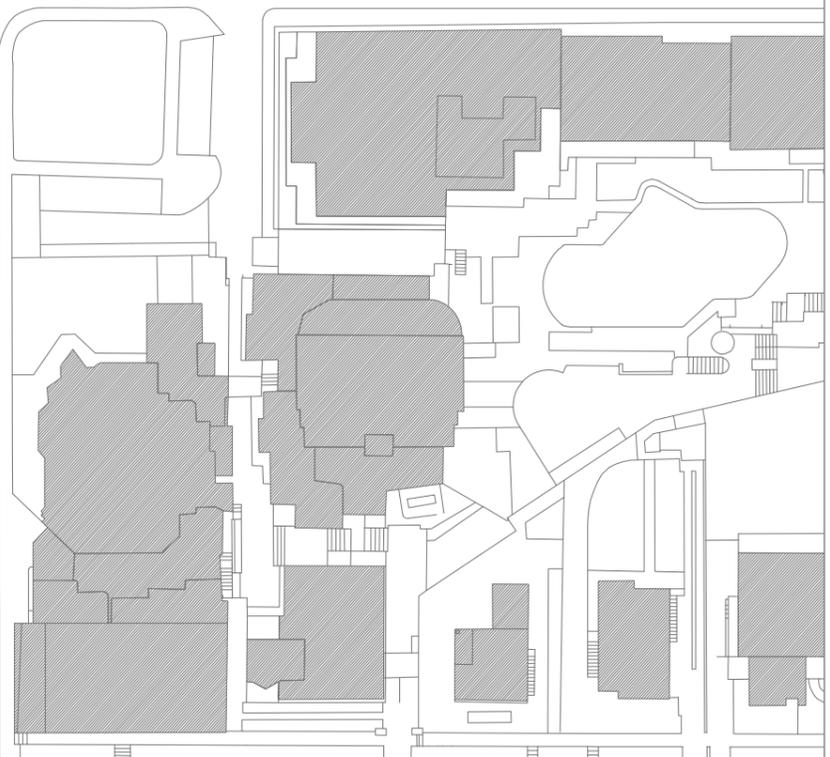
Figura 70 - Vista aérea da Avenida da Boavista 2019 61

Fonte: <https://www.google.pt/maps/place/Av.+da+Boavista,+Porto/@41.1606413,-8.6469728,629m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xd24658693370e3f:0xe4aea934f53ba3f6!8m2!3d41.1624702!4d-8.6559228> Data: 10-10-2019

Figura 71 - Planta de implantação	62
Fonte: Elaboração Própria	
Figura 72 - Implantação do complexo habitacional	63
Fonte: Elaboração Própria	
Figura 73 - Implantação do hotel	63
Fonte: Elaboração Própria	
Figura 74 - Planta do piso 0	64
Fonte: Elaboração Própria	
Figura 75 - Planta do piso dos quartos	65
Fonte: Elaboração Própria	
Figura 76 - Módulo do quarto standard	65
Fonte: Elaboração Própria	
Figura 77 - Planta do piso -1	66
Fonte: Elaboração Própria	
Figura 78 - Corte 1	67
Fonte: Elaboração Própria	
Figura 79 - Corte 2	67
Fonte: Elaboração Própria	
Figura 80 - Corte 3	67
Fonte: Elaboração Própria	
Figura 81 - Planta dos acessos verticais	68
Fonte: Elaboração Própria	
Figura 82 - Planta dos arranjos exteriores	69
Fonte: Elaboração Própria	

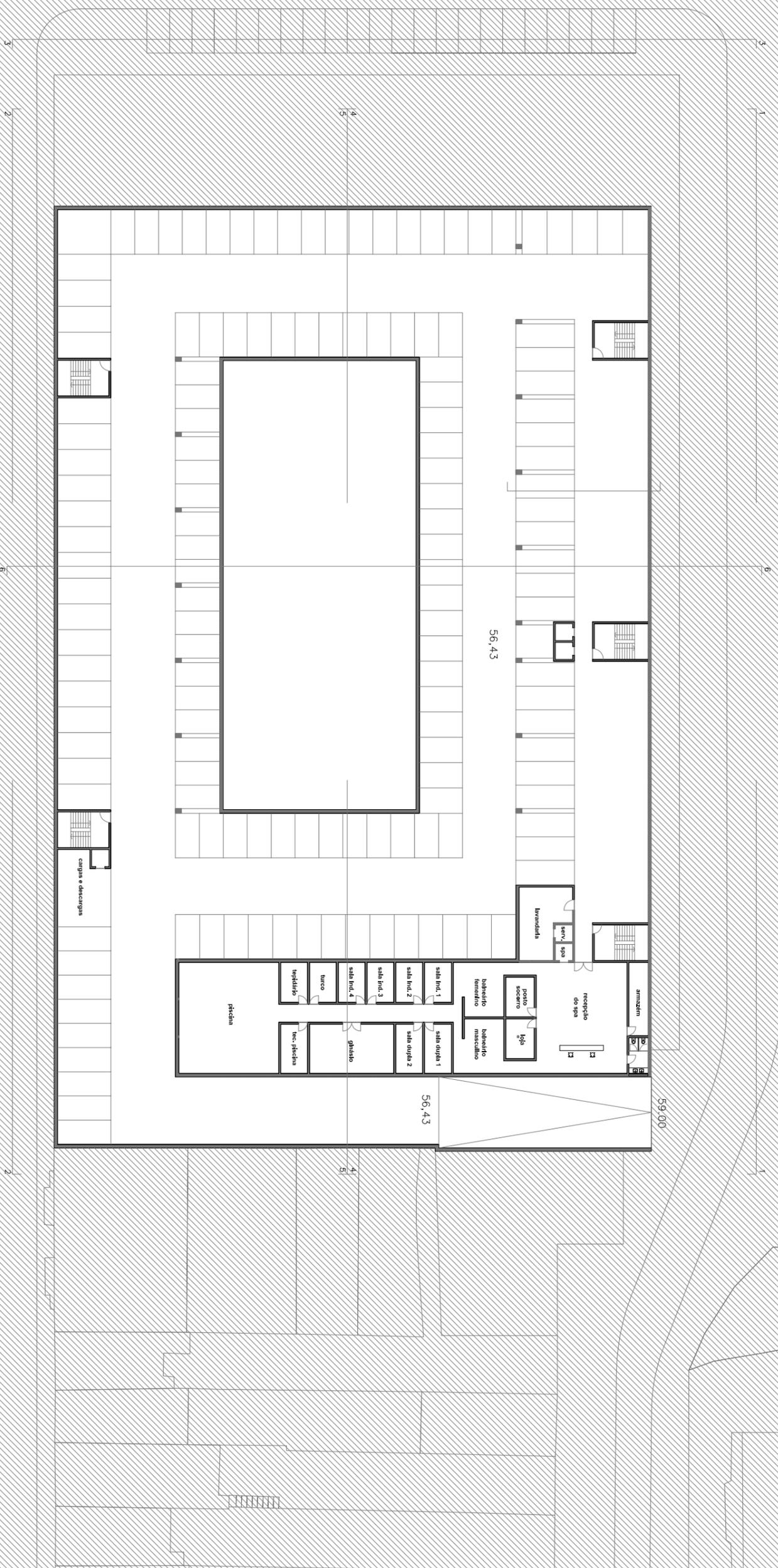
Anexos

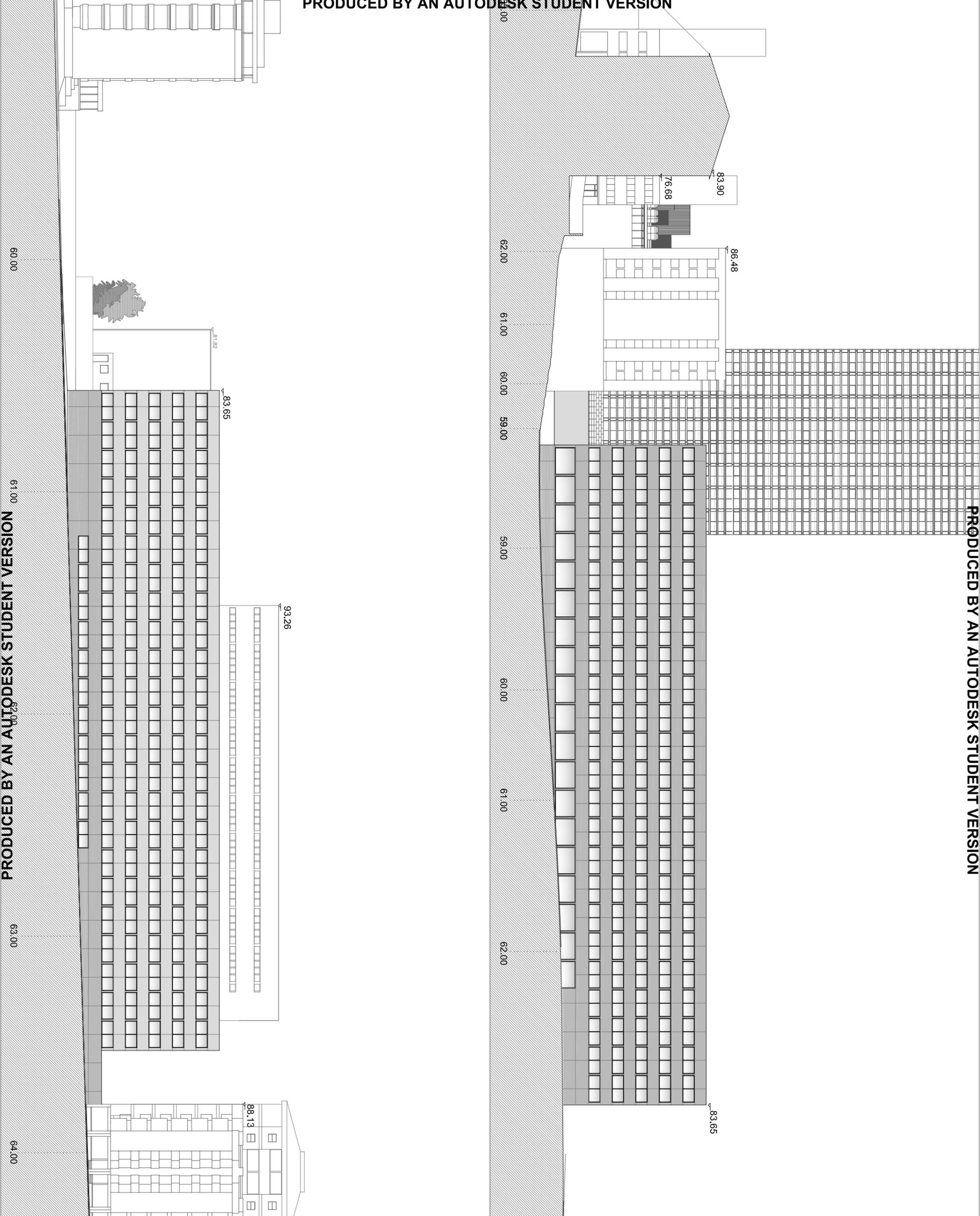
Implantação-----	01
Alçados volumétricos-----	02
Planta do piso 0-----	03
Planta do piso dos quartos-----	04
Planta do piso -1-----	05
Cortes 1 e 2-----	06
Cortes 3 e 4-----	07
Cortes 5 e 6-----	08
Módulo do quarto-----	09
Corte construtivo-----	10











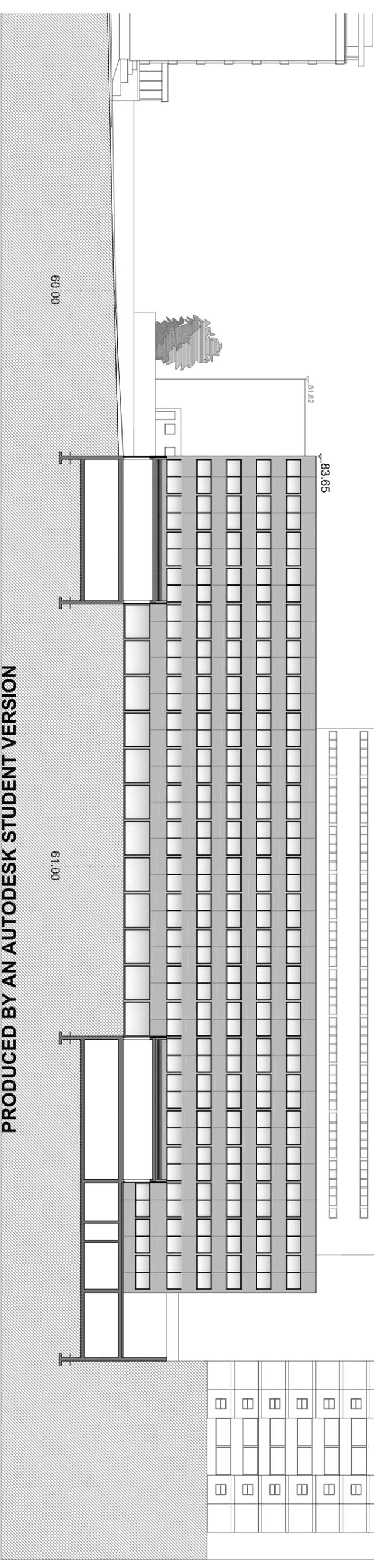
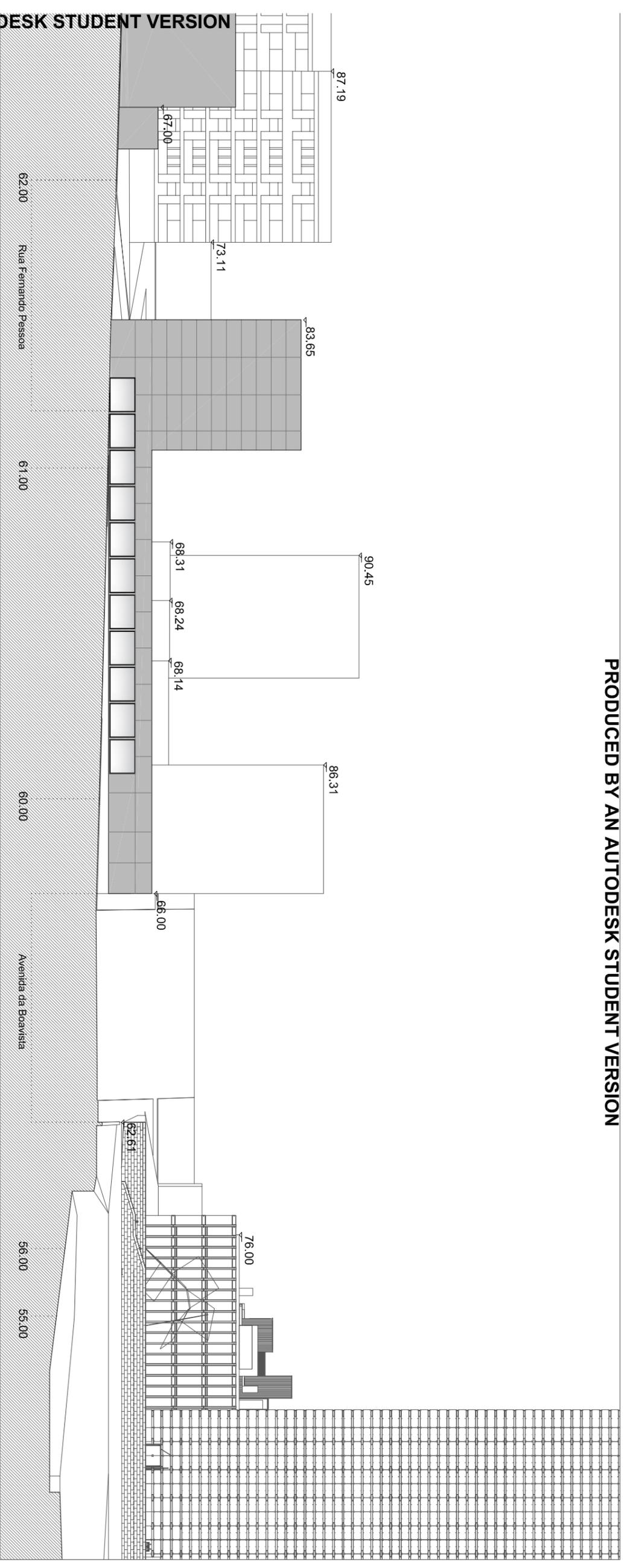
Projeto 5.2
Universidade Lusófona do Porto

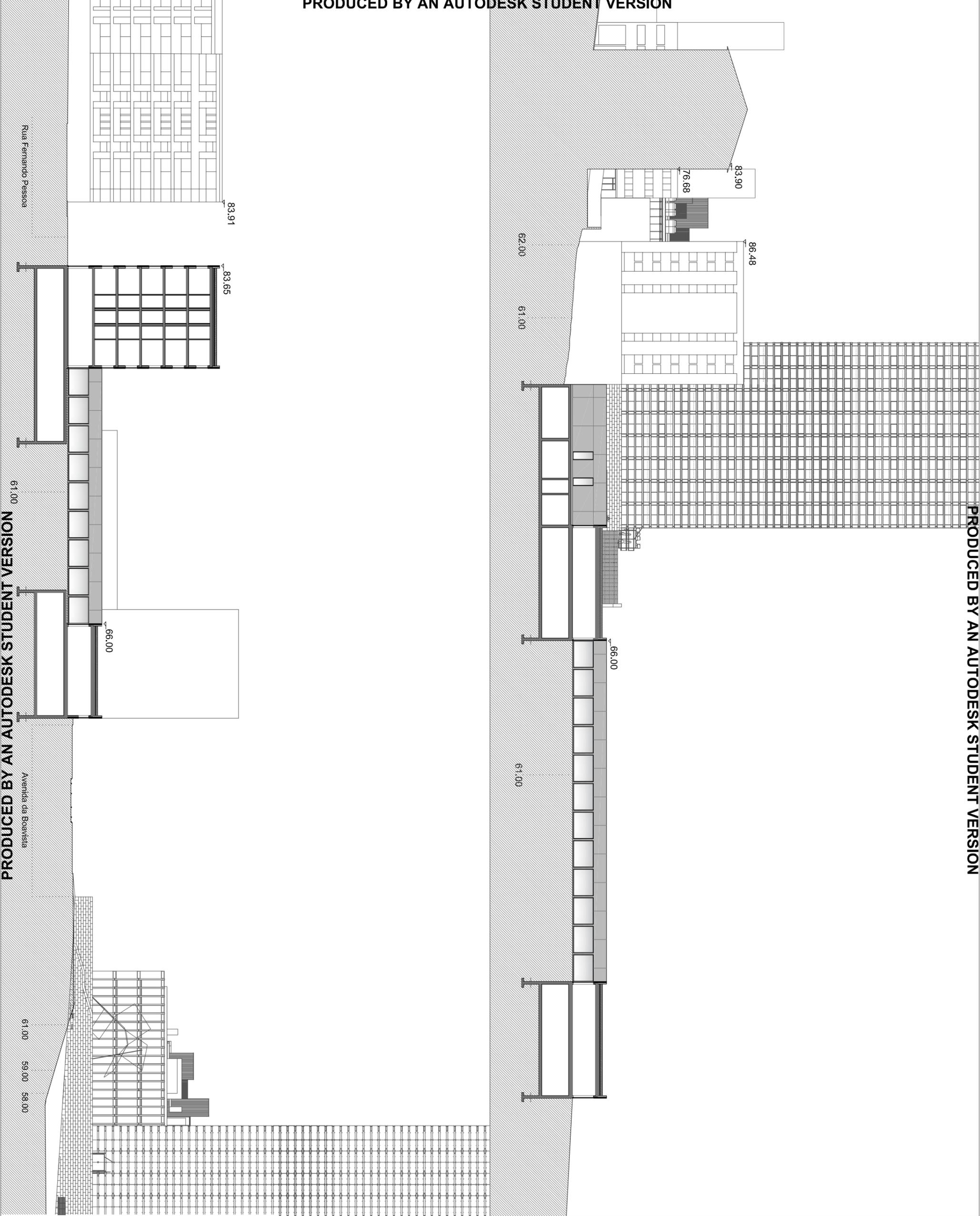
Hotel de 4* na Avenida
da Boavista

Fabriceia Spencer

Corte 1 | 2
1:500

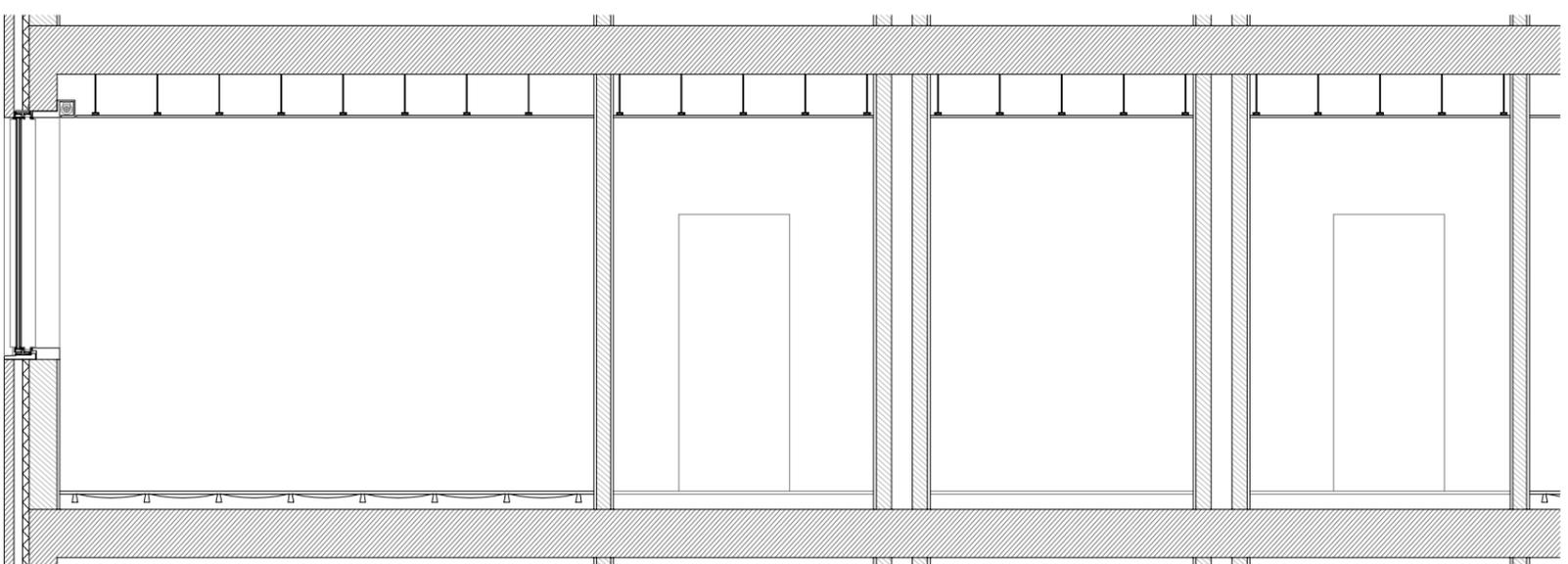
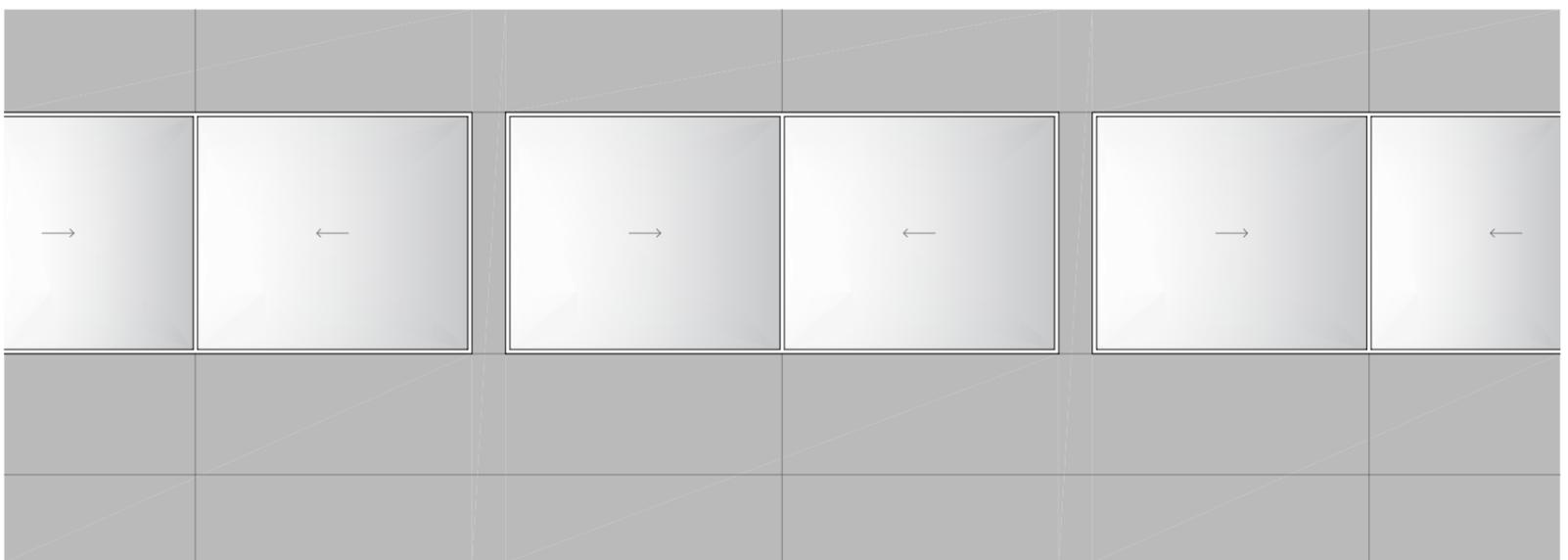
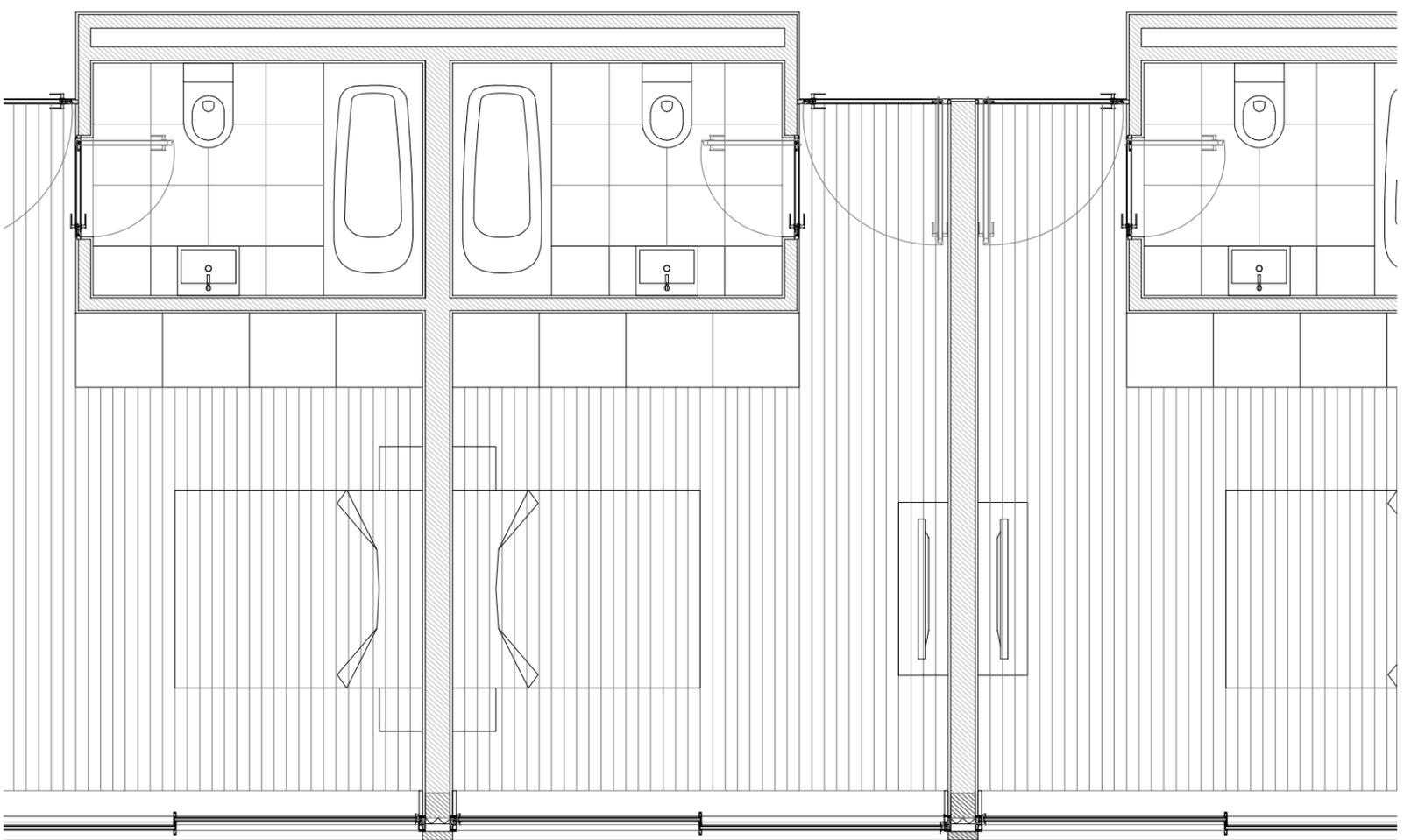
ULP 2018/2019 Projeto 5.2	6
---------------------------------	---

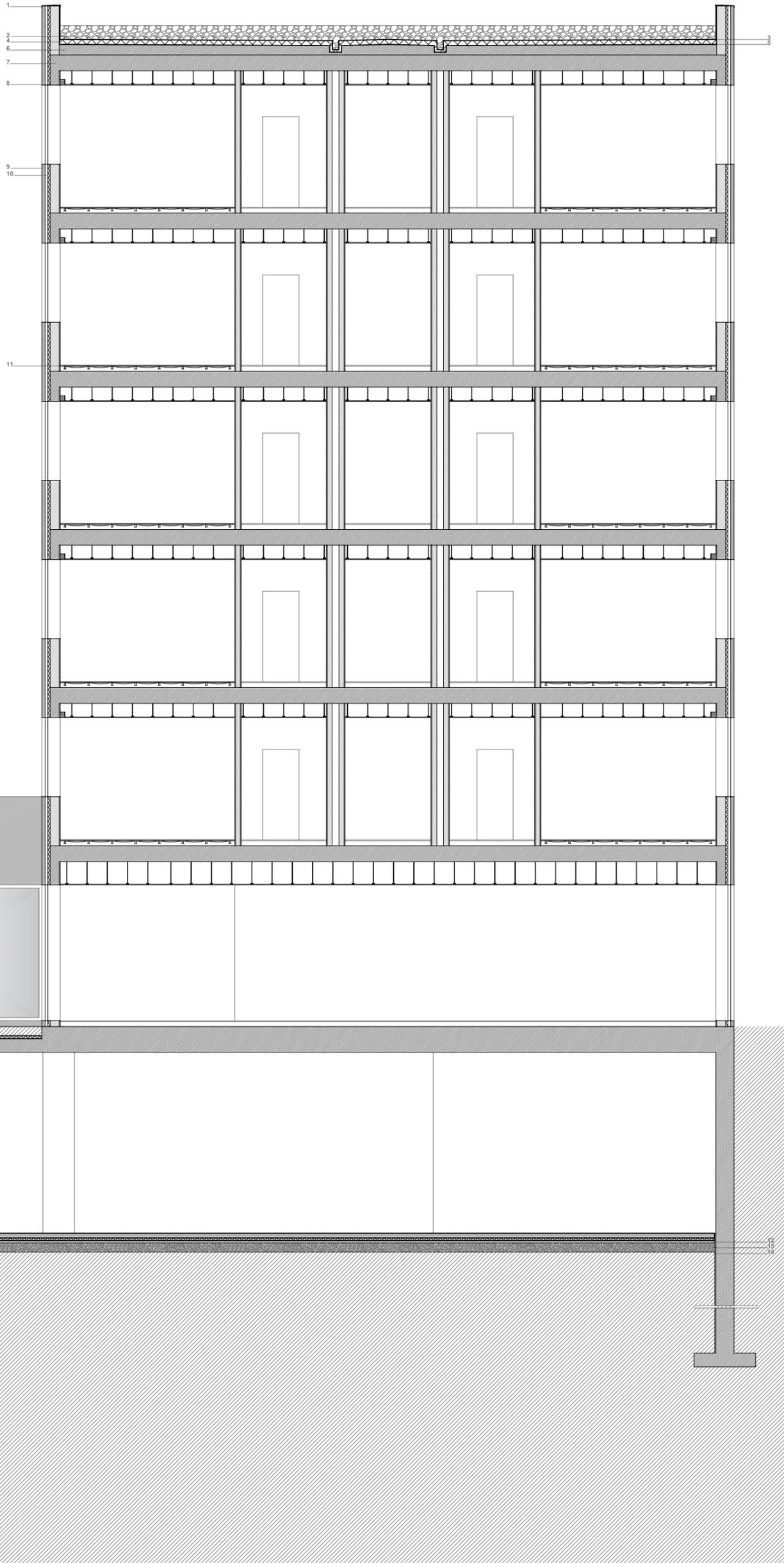




Rua Fernando Pessoa

Avenida da Boavista





- Legenda
- 1- Rufo
 - 2- Godo
 - 3- Geotextil
 - 4- Poliestireno Extrudido
 - 5- Tela impermeabilizante
 - 6- Betão leve
 - 7- Laje de betão
 - 8- Gesso Cartonado
 - 9- Paineis de betão pré-fabricado
 - 10- Caixa de ar
 - 11- Piso em Madeira
 - 12- Camada de Regularização em cimento
 - 13- Brita
 - 14- Pintura Betuminosa
 - 15- Terra/Relva

PRODUCED BY AN AUTODESK STUDENT VERSION

PRODUCED BY AN AUTODESK STUDENT VERSION